

COELHO DE CARVALHO

MASCARAS ABAIXO...



1 9 3 1

LISBOA



MASCARAS ABAIXO...

W. C. SILVA

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD.
R. D. PEDRO V. 120 - LISBOA

MASCARAS ABAIXO...

CARTA QUE, PARA SER ENVIADA
A SUA EXCELENCIA, O SENHOR
GENERAL ANTONIO OSCAR DE
FRAGOSO CARMONA, ESCREVEU
NO SEU DESTERRO, NO CAS-
TELO DE ARADE, O ANTIGO REI-
TOR DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA E EX-PRESIDENTE DA
ACADEMIA DAS SCIENCIAS
DE LISBOA

COELHO DE CARVALHO



LISBOA

1931

Senhor General!

De facto,

sois o chefe da Nação;
e de direito não trato
de dizer se o sois ou não.

Isso concluem-no os criticos
quando lerem o *ensaio*,
que escrevi, **Da Sedição
De Vinte e Oito de Maio.**

Falando lá dos politicos,
digo o que era o Parlamento
portuguez, nesse momento
de triste recordação;
mas que o exercito não
é mais que o serventuario
dos governos, com salário
pra lhes dar constantemente.

seu estudo e actividade
pra defesa da Nação.
E por isso, e com razão,
o exercito é permanente.

Pois, absorvido por tal,
a sua mentalidade
especialisa-se, e não
tem a maleabilidade
precisa á complexidade
da administração do Estado.

Dahi, vem que um general,
seja embora um bom soldado,
quando se mete a politico,
torna-se um paralitico,
um agitado geral;
quando não fica parado,
em espasmo cerebral.

Sempre assim e em toda a parte.

D'isto, na mitologia,
era a simbólica dada,
que o tal Deus chamado Marte,
que, quanto a moral, trahia
o irmão Vulcano com Venus,
a sua linda cunhada,
tinha, pouco mais ou menos,
a mesma psicologia.

O aforismo não recuso
da regra ter excepções;
porem, no exercito luzo
não vejo Napoleões.

Devemos, por certo, honral-o,
tendo-o bem apetrechado,
e, em dia, estipendiado;
mas cumpre subordinal-o
á sua estrita missão
militar, constantemente;
pois, se houver interrupção,
deixa de ser permanente.

D'um exercito sensato
é General a Razão;
nunca pois viola o pacto
estatutário da Nação,
que esta só pode alterar
por voto deliberado,
directo ou parlamentar,
após livre discussão.

E do que foi praticado
em contrário a esta these,
eis aqui qual a genese:

*Direito, devolve-o o acto,
se ha força pra o sancionar,
consumando-se de facto.*

Disse DUGUIT, na intenção
manifesta de criar-se
uma jurisciencia stática
sôbre uma base dogmática,
o ESTADO, e não a RAZÃO.

Esta é o rithmo da Vida,
que não pode efectivar-se,
se a sua natural seqüencia
é cortada, ou subvertida,
do exterior, por interferencia
do poder da Autoridade
com pessoal existencia.

E', por isso, a Liberdade,
politica, individual,
— porem, de harmónica acção
na vida da Humanidade, —
essencial condição
pra existir a Sociedade;
e o *Direito* é a *Razão*
posta em função social.

Leva-nos esta theoria,
que é a minha, a um socialismo
integral, e jamais cria
partidos para o despotismo,
seja duma oligarchia,
ou seja dum dictadór,
qualquer que seu nome fôr,

rei, regente, imperador,
— Republica ou Monarchia.

Como áquella outra doutrina,
não é a idéa abstracta
do Direito que a origina,
mas sim a acção autocrata
de quem seja autoridade,
jamais ha necessidade
de grandes congeminencias
mentaes pra a comprehender;
e é grata á mediocridade
geral das intelligencias.

Eis porque a Universidade
de Coimbra hoje a prefere,
dando a sciencia sem critica!

Pedagogia politica
é essa que o alumno conduz
á obediencia absoluta
ao professor.

Foi a astuta

Companhia de Jesus
quem o principio puzera,
pra por ele dominar.

Mas que vantagem tivera
theorizar-lhe a concepção?

— A de fazer-se obstrução
proficua ao neo-kantismo;
que na Europa renascera
o ideologismo alemão,
nado do Protestantismo,
e, hoje, da sciencia gerado
por estudos de biologia,
base da Antropologia,
por sua vez fundamento
do exacto conhecimento
da humana psicologia,
indispensavel á critica
da *Moral* e da *Politica*,
como de todo o *Humanismo*.

Opõem-lhe a *filosofia*
moral do Catholicismo.

Pois, ser o Estado tomado
por individualidade,
com intelligencia e vontade
superior á Humanidade,
não é conceito diverso
do de Deus pra a christandade:
— Deus de fóra do Universo,
que é por ele governado!

Resulta d'este conceito
ser Deus fonte do *Direito*.

Fonte já abandonada,
havia annos, da sciencia.
E como esta não chegara
ainda a ser base clara
pra constituir consciencia,
vem sendo aquella explorada,
em razão da insuficiencia
do francez *Positivismo*.

Este não é mais que *hegelismo*,
por Conte decapitado,
tendo a Vico plagiado
em a *Lei dos trez Estados*,
— estados estes no plano
da *Scienza Nuova* chamados
divino, heroico, e humano.

A filosofal theoria
chamada Positivismo
é mais sábia, todavia,
de que o cómodo *eclectismo*
que encantava a burguesia,
classe de mentalidade
inferior que a Revolução
Franceza tornou gerente
da moderna Sociedade.

Mas d'esta a cerebração
não saiu tam prontamente
da sua subalternidade.

E foi por motivo tal
que Augusto Conte não fez
a síntese espiritual;
e só muito tarde ele ha-de,
— e já na senilidade —
tentar-a em Religião,
que chamou da Humanidade.

Outro plágio: desta vez,
é o *humanismo* chinês
de Confúcio, misturado
com muita imbecilidade!

A ideologia franceza
é, pois, sistema falhado,
por falta de idealidade.

E o Ocidente europeu
nenhuma filosofia,
que não seja fantasia,
mais ou menos doentia,
alem d'esta, concebeu.

Nem conceber poderia,
dada a nimia variedade
étnica em cada Nação,
(cada Estado dir-se-hia
com maior propriedade),
na Irlanda, na Gran-Bretanha,
na Italia, em França, ora Espanha.

Cá, em Portugal, então
inda ha menos unidade
étnica da população,
em seus vários componentes.
Fernão Lopes lá dizia:
— *Lisboa nobre cidade
é de desvairadas gentes.*

E, no Ocidente europeu,
por isso, á mentalidade
do século dezasete
fatalmente se envolveu.

Como a Historia se repete,
cahiu-se na inanidade
vaga do *conceptualismo*
de Heloisa e de Abelard.
E, d'ahi, o *Romantismo*
em Literatura e em Arte,
e o *representativismo*
politico, — uma ficção,
pois é a contradição
entre o *principio* e a *acção*,
o que produz anarchia,
ou um atroz despotismo
da triunfante facção
parlamentar, na ocasião.

Busca-se então a Verdade:
mas, sem espiritualidade,

achata-se a alma em *realismo*
na Arte e na Literatura;
e, em Politica, *empirismo*
estático, — a *dictadura*
oligarchica, ou dum Rei.

E, sem sintese social,
d'onde se deduz a lei,
só ha arbítrio pessoal!

Dá-se então *revolução*;
que lutar contra a opressão
é de justiça e razão:
e o anterior estado
fatalmente volverá,
— vindo, porém, aditado
dum al mais de idealidade.

E n'esse vai-vem ir-se-ha,
fluxo e refluxo da Historia,
até que, um dia, a sciencia
tenha feito a consciencia
social da Humanidade.
E nunca mais illusoria
a Liberdade será.

Entanto, as almas levadas
na anciedade indefesa
de saber as ignoradas
causas, — primária e final —,

da sua propria existencia ;
como lh'as não dê a Sciencia,
aceitam-nas do *dogma*.

Tal

é a razão da influencia
do elemento clerical,
que promete a felicidade
por toda a eternidade,
quando haja conformidade
co'a vontade divinal.

E,—oh mistificação!—
a verdade diz sabel-a
qualquer das Egrejas, pela
divina revelação.

E o clero p'lo *ministerio*
cultural, — e o simbolismo,
se o não esclarece a sciencia,
hipnotiza a intelligencia,
engendrando o fanatismo — ;
e inda, plo *magisterio*,
que exercem seus corifeus,
ilude a clara razão
critica da Humanidade
com a imotabilidade
preconcebida de Deus ;
quando a variabilidade

da Vida, — em a *Unidade*
do *Ser*, — é que é a Verdade.

E, ha meio século, pelo ensino,
desde o de *Instrução Primária*
té ao que é de *alta cultura*,
vem gente reaccionaria
prendendo nosso destino
n'aquela *artificial*
ignorancia, da qual,
no decreto de abertura
da sua sapientissima
Reforma Universitaria,
fala o Marquez de Pombal.

X
E, pra o character popular
moralmente se formar,
nas ultimas décadas veiu,
sempre em crescente expansão,
o *foot-ball*, que é um meio
proficuo de educação
jesuita da multidão.
— Cria a solidariedade
de onzenais agrupamentos
antagonicos, no seio
da grande colectividade.

X
E' uma contradição
da humana fraternidade:
é um jôgo anti-christão

de jesuitica invenção.
Tem os seus fundamentos
no dito já popular
de *dividir pra reinar*.

E eis ahi por que razão
ao paiz, nos paroxismos
da sua morte afinal,
hão-de vel-o, em breve, os criticos
da historia de Portugal
um campo de *foot-ball*,
em que lutam egoismos
dos seus partidos politicos.

E d'esta desgraçadissima
situação que se espera?

Pra amostra, eis a chamada
ditadura militar,
que em agua benta tempera
o ferro velho da Espada,
— que, quanto mais alongada,
mais curtas são as idéas —;
e teve a mentalidade
da velha Universidade
de Coimbra, pra a inspirar
nas politicas estrêas.

E a esta que não fizera
eu, reitor, pra a desviar
d'essa orientação fatal!?

Mas quê!?... dos republicanos
só recebi desenganos
e má-vontade em geral!

E já passaram dez annos,
e sempre a agravar-se o mal
que o Governo Provisório
tinha feito, — em ditadura,
tal era a pressa que havia —,
entregando ao consistório
dos lentes de Theologia
o ensino de *alta cultura*,
— Letras e Filosofia!

Isto foi da iniciativa
do ministro da Instrução,
que não soube o que fazia;
— homem de espirito vão,
e eloquencia sugestiva
por verbal pirotecnia
que deslumbra a multidão:
em Coimbra a academia
pozera-lhe a expressiva
a alcunha do bugalhão.

E os da Republica fatua
hão-de erigir-lhe uma estátua,
em cujo plinto elevado,
um dia, será gravado:
— *Asinus asinum fricat.*

Este apotegma explica,
ao mesmo tempo, os valores
mentaes, — o do estatuádo
e o dos seus admiradores.

Nem n'esse governo havia
ministro algum preparado
pra fazer governação,
apenas com exceção
de Bernardino Machado,
ex-ministro da Coróa.
E esse, quando não dormia,
cumprimentava e sorria,
absorto em contemplação
da sua propria pessoa.

Isto só ele parece
ser quem o não conhece.
E' porem mais, todavia.

Se viu a inutilidade
do seu esforço e acção
com tal colaboração,
não possuiu hombridade
pra deixar a situação,
e esperar oportunidade
pra bem servir a Nação.

Mas cada um é como nasce;
e Bernardino compraz-se

em cultivar a vaidade
de ser governo; por isso
que, de raça, é um mestiço
de portuguez e tupi.

Conheço-o, desde estudante
de Coimbra, e sempre o vi,
de grande sagacidade,
cobrir a ferocidade
nativa d'uma elegante
capa de cordealidade.

E — contradição flagrante! —
despresa o seu semelhante,
e ama a popularidade.

Em tudo mais, proibidade
intemerata e constante.

Grande estadista seria
se não fôra a egolatria.

7
E governava-se, á tôa,
co'a Republica imponente
nos *pátios* da Madragôa.

Plano geral não havia:
cada ministro fazia,
em *Feliz Independente*,
tudo o que lhe apetecia.

Até mesmo o Presidente
Theofilo, que se dizia
ser um sabio de mão cheia,
e era odienta pessoa,
teve apenas uma idéa,
— esbulhar a Academia
das Sciencias de Lisboa
da sua tipografia.

E o ministro do Fomento,
Camacho, que tem talento,
— a crermos no que ele diz, —
e o primeiro entre os primeiros
dos estadistas de truz,
pra fomentar o Paiz,
mandou pôr de pecegueiros
a tapada de Queluz.

E sosinho (ao que parece)
ele foi que a idéa teve
de dar *o direito á greve*;
e fez-lhe a decretação,
como se cá se vivesse
em regimen de trabalho
forçado

Acaso é bugalho,
como o outro é bugalhão?

Da Justiça a pasta é posta,
— no Governo Provisorio —,
ao serviço do escritorio

X

do advogado Afonso Costa.
— Pra o que se fez nomear
d'essa pasta titular.
E assim foi ganhando enchanças
pra ministro das Finanças.

E dos ministros restantes,
não sendo *pares marcantes*,
não vale a pena falar;
eram insignificantes.

Disse já o que fizeram
os conspicuos governantes
em matéria de Instrução;
darei logo o que quizeram
co'a a Lei da *Separação*.

E os governos que vieram,
ditos constitucionaes,
a seguir ao *Provisorio*,
foram só um mistifório
de imbecis, e d'esses taes
democratas que só eram
bandoleiros, nada mais.

D'ahi, a necessidade
da intervenção militar
pra, á força, a orgia acabar.

Mas na casa de jantar
outros se veem sentar
de maior voracidade!

E' o anexim popular:
— *quem atraz de mim vier
é que bom me ha-de fazer.*

E, com o exercito na lida
feroz da deglutição,
a manhosa Companhia
de Jesus mais consolida,
à vontade, dia á dia,
a sua dominação.

Hoje, senhor general,
sois o expoente real
da situação.

Este facto
veiu impor-me a obrigação
de vos pedir atenção
pra a inclusa carta-relato
sobre o estado da Nação.

Escrevia-a ao malfadado
Dom Carlos, na ocasião
de em Côrtes ser aclamado
soberano de Portugal.

Quanto ao ahi profetizado
sobre externas relações,
fica pra ser confirmado
pela *Liga das Nações*.

Crede, senhor general,
é situação muito séria
a que nos faz o problema
chamado internacional;
porquanto, o cartel da Ibéria,
aduanheiro e industrial,
será, muito breve, o thema,
— hipócritamente invocado
o interesse da Humanidade —,
em Genebra apresentado,
motivo por que ha reentrado
Espanha na Sociedade.

Planos quissá concertados
entre a França e a Gran-Bretanha,
co'a aquiescencia dos Estados-
Unidos e da Alemanha.

È o *trust* monumental
de Industria e comercial
das quatro grandes potencias,
pra se assegurarem mercados,
prevenindo a concorrencia
entre elas. È, afinal,
a escravidão das nações

pequenas a um colossal
e afrontoso imperialismo,
de inauditas proporções,
em cuja unidade moral
triumfa o Jesuitismo,
sob o hipocrita eufemismo
de poder espiritual.

Querem mais: — consolidar
um Imperio no Ultramar
pra o belga, á custa de Angola;
e pôr em comunidade
com a nação espanhola
(e só esta lucraria)
a exploração comercial
do Tejo, e da pescaria
dos mares de Portugal.

Pois isto, a dar-se, seria
a nossa morte, afinal.

Isto assim, se tempo houver;
pois já me está a parecer
vão-se as cartas baralhar
para se tornarem a dar;
mas pra um jogo diferente,
em que joguem o Ocidente
europeu, — a Gran-Bretanha
e a França —, contra o Oriente,
— Russia, Italia e Alemanha —,

n'uma tremenda campanha
pra se chegar a aclamar,
— vencida a plutocracia —,
CHRISTO-REI triunfalmente.

Se a minha visão alcança,
serão fiel da balança
Portugal, Belgica e Espanha,
paizes que a Companhia
de Jesus orienta e guia.

— Portugal, se a Inglaterra
não segurar a nossa terra. —

As minhas apreensões
sobre o porvir preparado
á Patria, e cá pelo *Centro
catholico* coadjuvado,
caso por mim declarado
ao organismo chamado
Policia de Informações,
foram por certo as razões
pra me atirarem pra dentro
do Aljube, e ser desterrado,
aos setenta e quatro anos!
E isto pra infundir terror
nos corações luzitanos,
— que já não são de se opôr
às opressões dos *romanos*.

Pois eu não sou partidario
jurado em qualquer facção;
eu tenho o meu ideario;
promovo-lhe a aceitação,
bem que esteja convencido
de que ainda passarão
duas ou trez gerações
antes do pleno sentido
das minhas lucubrações '
ser de todos comprehendido.
E, contudo, a Liberdade
politica é que é Verdade.

Mas não sei se me lereis.
Dizem que os Presidentes
são menos benevolentes
de que sóem ser os reis.

Era má! Que me consinta
a memoria de alongar
esta carta com sucinta
historia de aproveitar.

Aquele rei infeliz,
a quem fiz a exposição
do que era o nosso paiz,
chamou-me e disse: — *E' verdade
o que a tua carta diz
do Jesuita.*

O Rei tinha
notavel preparação
de Historia, e clara a visão
do que fazer mais convinha,
quanto á publica Instrução.
E dissertava.

Parou,
sem concluir.

De repente,
sem transição, perguntou :

— *Tu és republicano ?*

— *Sou.*

— Respondi-lhe lealmente.

— *Porquê ?*

— *Porque a monarchia,
mesmo a representativa,
e constitucional de agora,
é a força governadora,
não gerada ou devolvida
do movimento da vida ;
portanto, não é verdade.
Mas existe e opéra activa
constantemente, de fóra
pra dentro da Sociedade.*

— *E o Rei ?*

— *É da monarchia
simbolo ; e o simbolo cria
e devolve actividade ;*

*e existindo na Unidade,
de que é expoente symbolico,
inda mais coërcitiva
vem tornar a idealidade
do pensamento catholico,
que é contrario á progressiva
evolução da Humanidade.
Não pode ser monarchista
quem crê que sem liberdade
politica a dignidade
humana é uma ficção.*

— *Sim, talvez, tenhas razão.*
Disse el-Rei; e terminou
co'esse *talvez* a entrevista,
unica a que el-Rei me chamou.

Nunca mais ele tornou
a falar-me. Quando ia,
raramente, á Academia,
nem-me via.

Mas, em vista
do que dissera, eu esperei
que, pra agradar ao seu rei,
qualquer governo oporia
a precisa resistencia
á obra da Companhia
de Jesus, cuja influencia

se afirmava, cada dia,
com maior impertinencia.

Entanto, o tempo corria,
e nada bom se fazia.

Mas, um dia, deu-se o tal
caso da menor levada
pra a profissão monacal,
contra a vontade do pae,
que era consul estrangeiro,
— vivia no Porto —, e vai
que esse pede com firmeza
o cumprimento integral
do que era a Lei portugueza

Foi este o caso Calmon.

O governo, mudo e quedo,
não ousa manifestar-se.
Todos da Egreja teem medo;
e cresce a maré da intriga.

Subito, Dom Carlos, com
extreme energia, obriga
o governo a declarar-se
pela inteira observancia
das leis do Paiz. E então,
a Liberdade pareceu
que vencera em toda a linha,

apezar da relutancia
dos bispos e da Rainha.

Quando em publico appareceu
Dom Carlos, um prolongado,
vivo applauso o acolheu;
e, muito vitoriado,
ficou do povo estimado.

Todavia, só o restrito
caso Calmon se solveu.

Como a emoção fôra viva,
e o povo estava convicto
do liberalismo do rei,
continuou a expectativa
benevola.

Somente eu
(e por que razão, não sei)
a confiança perdia.

Mais tarde, por minha acção,
— mas já com intervenção
de Dona Maria Pia,
que o Mossamedes havia
alcançado a meu pedido —,
Dom Carlos se recusou
a dar a substituição
do gabinete, a que então,

em liberal, presidia
o doutor Dias Ferreira,
por outro, a que el-Rei chamou
das *cónegas*, e que seria
por Ficalho presidido,
gabinete em que o Oliveira
Martins pontificaria
no catholico sentido,
como Dona Amelia queria.

Fez-se a recomposição
sem ninguem da Reacção;
mesmo o Aires de Gouvêa
era um bispo patulêa.

Com boa administração,
o governo conseguiu
pôr as finanças em dia.
Quando a tulha estava cheia,
assaltou-a a rataria,
e o gabinete caíu.

O que causou certo pasmo
â pequena burguesia,
que *politica* só queria
a das finanças em dia.

E caiu tudo em marasmo!...

El-Rei, embora cercado
de *snoobs*, sua côrte ignara,
e da Rainha assediado,
a situação estudara.

Viu a Inglaterra ir da banda
da gente da *Propaganda*
Fide, por esse Oriente;
porque a India é que a preocupa,
e o jesuita, realmente,
em a Ázia christã, ocupa
posição, e archipotente
exerce sua influição
nos catholicos do Industão,
canarins e *descendentes*
de portuguezes.

Taes gentes
formam como que toalha
d'óleo espesso, que se espalha
emoliente por sobre
o rugidor oceano
do nativismo indiano,
e de tal maneira o cobre,
abafando-o totalmente,
que impede n'ele rebente
a vaga da insurreição.

Ai, porem, d'aquelle inglez
dominio, se alguma vez

o jesuita quizer,
— e é certo que o ha-de querer —,
o mussulumano submeter.
Dar-se-ha na India, então,
a grande conflagração !

Entanto, a Inglaterra evita
contrariar o jesuita,
seu primeiro auxiliar
pra na India se sustentar.
E eis porque a protestante
Inglaterra anti-papista,
que nos dera apoio constante
na nossa acção regalista,
já nos vinha a abandonar.

Contra vontade o fazia,
é certo; mas consentia
a nefanda Companhia
de Jesus na nossa vida
politica intermetida,
e n'ela preponderar.

Vinha esta n'uma acção lenta,
dês mil oitocentos e oitenta,
influindo na *Instrução*
publica em Portugal,
tirando-lhe a orientação
de liberdade mental
que lhe impemira Pombal.

Mas, pra o fim vir a lograr
da Nação aniquilar,
este trabalho era longo,
e como convinha operar
rapido, pra nos frustrar
o porvir colonial,
conseguiu fosse creado
o *Estado Livre do Congo*,
que todo nos foi roubado
pra ao rei dos belgas ser dado.

E o Reino Unido, apesar
d'isso lhe desagradar,
teve que ficar calado!

Já era a Belgica então
o reino preconizado
do *Sagrado Coração*.

Feito isto, foi tratado,
por insinuação papal,
o nefasto casamento
do então Príncipe Real,
filho de el-rei Dom Luiz,
com uma esbelta princeza
meio espanhola, meio franceza,
educada no convento
do Sacré Coeur, em Paris,
pra que ela fosse instrumento
dos cléricaes no Paiz.

Só depois do seu advento
ao throno de Portugal,
e findo o encantamento
do seu leito nupcial,
foi que Dom Carlos viu tal.

Pois sem duvida seria
d'uma enorme utilidade
a verdadeira theoria
da *lei das coincidencias*,
porque então se evitaria,
muitas vezes, emergencias
chamadas *Fatalidade*.
Era menos illusoria
a acção dos homens na Historia.

Isto a proposito vem
do que passado se tem,
e aqui vae sendo contado
da historia d'esse reinado.

Eis uma coincidencia:
tempo antes do casamento
régio, — este pelo partido
progressista aplaudido,
é do outro mal acolhido —,
dera-se acontecimento
de funesta consequencia.

Fôra o repentino advento
á alta esfera de influencia
nos sectores financeiros
d'um grupo de aventureiros
com o apoio do presidente
do governo, que era então
um do historico partido
dito Regeneração.

Fôra só a protecção
a certo sobrinho querido
do chefe que isto fizera.
O que a todos surprehendera
porque isso era a negação
d'uma longa tradição
de patriotica izenção.

Quem poderia advinhar
o que havia resultar!?

A protecção fôra dada
pra o sobrinho se casar
co'uma dama que era filha
de boa gente, e cunhada
do chefe da tal quadrilha,
que começou por tomar
de assalto a administração
da Companhia Real,
a qual só tinha então

duas linhas a explorar;
— Norte e Leste —; e as outras não.

Pois, se não fôsse a tal
protecção ministerial,
essa insolita aventura
terminava na clausura
de prisão correccional.

Mas o jesuita, que espreita
astuto a boa ocasião,
— e esta a tinha preparado
d'um modo dessimulado —,
pra a sua dominação,
da situação se aproveita,
e dil-a ressurreição
economica e moral
do reino de Portugal.

E por diversas maneiras
em as *Bolsas* estrangeiras
começou a manobrar
d'acordo co'a judiaria,
— e esta só é que parecia,
ao publico, trabalhar —,
pra levar a economia
privada da Gran-Bretanha
a se desinteressar
do *papel* portuguez;
pois na *alta* que se lhe fez

o portador muito ganha ;
e o *externo* vae parar
na sua mór parte á Alemanha,
a qual então já pensava
entrar na nossa existencia,
pra furtar-nos á influencia
ingleza que dominava.

O possuidor nacional
da *papelosa* do Estado,
tendo com a *alta* ganhado,
dá logo ao seu capital
uma nova applicação :
— emprega-o na construção
de predios em a cidade
de Lisboa, a qual cresce,
co'o duplo mal do *urbanismo*,
miseria e *raspacuêrismo* !
E toda uma sociedade
snob se desenrola
tam festiva que parece
nadar em prosperidade,
dando ao estrangeiro a illusão
d'um Portugal opulento.

— Era o antigo rifão :
por fóra cordas de viola ;
por dentro, pão bolorento — .

Já a industria da Alemanha
todo o paiz invadia,

em concorrência tamanha
que a França já não podia
competir, e a Gran-Bretanha
de concorrer desistia.

O ministerio já não
era a Regeneração,
que do poder se tinha ido
por não haver concordado
co'o *casamento* ajustado.
E Fontes tinha morrido
de doença, ou envenenado :
— não se quiz averiguar!

Morrera apoz um jantar
pra que fôra convidado.

Este estadista d'uma alta
capacidade politica
morre tendo a consciencia
de ser a situação critica,
muito embora com apparencia
do contrario, e ao espirar diz :
— *Vou morrer e faço falta
pra a salvação do Paiz.*

E no Ultramar aparece
a Alemanha, que tranquila
em Kionga e ao sul de Naulila,
— nós de acôrdo—, se estabelece.

Barros Gomes, que geria
os negocios estrangeiros
no governo, é dos primeiros
a querer isto, e o auxilia.

Mas grande dificuldade,
pelo que se relacionava
com a *aliança*, se mostrava;
porquanto, se era verdade
que a economia privada
da Gran-Bretanha se achava
já de nós desinteressada,
a tradição de amizade
dos dois povos continuava
politicamente a existir.

D'ahi, a necessidade,
pra lhe pôr termo, ferir
a susceptibilidade
patriotica dos dois
povos, e os desunir.

Mete Barros Gomes, pois,
sem hesitar, mãos á obra;
e eis aqui como manobra.

Esse estadista pensa
em como ha-de provocar
d'uma maneira intensa
a indignação popular

contra a Inglaterra, e levar
esta a não ter confiança
como até então havia
tido em que a *aliança*,
cinco vezes secular,
sempre continuaria.

E o que é que ha-de fazer
pra a discordia promover?

Ordena a publicação
d'aquella carta famosa
da Africa equatorial,
em a qual vemos posta,
colorida a *côr de rosa*,
como sendo possessão
do reino de Portugal,
toda a enorme extensão
desde Angola á contra-costa.

E' um imperio merifico,
do Atlantico ao Pacifico!

Causa tal pretensão pasmo
ao estangeiro, e entusiasmo
á nossa gente, a qual crê
ser senhora da Guiné,
e tendo sempre na idéa
de que tambem senhorêa

conquista e navegação
da Etiópia, Arabia, Persia e India!

E a razão porque assim é,
Vossa Excelencia deslinde-a;
que sendo o Chefe do Estado,
— e de tal se compenetra —,
possue do rei o ditado:
senhor da Guinë et caetera.

Esse *mapa côr de rosa*
parecia ser um desvairo,
mas era provocação,
realmente audaciosa,
pois mostrava a intenção
de impedir a ligação,
sem nossa autorização,
da Boa-Esperança co'o Cairo,
atravez do *continente*
negro, em toda a extensão.

Nada mais impertinente
de que uma pretensão tal
da parte de Portugal.

E Barros Gomes tivera
uma grande decepção;
que a Gran-Bretanha, a orgulhosa,
nem verbalmente fizera
a menor observação.

Ele, porem, não se fica
com o seu despeito, e manda
que uma certa expedição,
que organizou de ante-mão
e Serpa Pinto comanda,
vá logo ocupar Manica;
bem que essa região fique
já de fora da fronteira
oeste de Moçambique.

O plenipotenciario
britanico, da maneira
mais correcta, notifica
ser aquelle acto contrario
ao que fôra combinado
do *statu quo* ser respeitado
no *interland* africano.
Diz: — *Por certo a occupação
de Manica fôra engano
do chefe da expedição.
Peço seja retirada
a trópa pra ali mandada.*

Ao que o ministro responde:
— *Não se sabe ao certo onde
estará a expedição
scientifica. Porem,
vou mandar averiguar,
pra vos dar satisfação.
Mas devo dizer que sem*

relatorio oficial
nada se pode ordenar ;
pois era desconsiderar
o coronel Serpa Pinto
que é colonial distinto,
e uma gloria nacional.

Passam trez mezes e nada
de ser dada explicação.
E em Manica efectuada
ia sendo a occupação.

O *Foreign Office* então
manda uma reclamação,
a qual veiu, d'esta vez,
fortemente formulada,
mas sem offensa pra a grei.

Tendo sido apresentada,
buscou o ministro inglez,
bem que officiosamente,
falar com o presidente
do governo e com el-Rei.

O gabinete reuniu
em conselho, e decidiu
a expedição retirar
imediatamente, e chamar
o Serpa Pinto a Lisboa ;
e que vá o presidente

do ministerio, em pessoa,
da decisão informar
o ministro da Inglaterra,
um *sir* qualquer, que o espera
pra pra Londres telegrafar.

Ressano Garcia, que era
o ministro do Ultramar,
— e na politica ia
com Barros Gomes —, levara
a ordem que formulara
o conselho, pra a cifrar.
Com ela no bolso fica
e esquece telegrafar
pra Moçambique e Manica.

E, quinze dias apoz,
um *ultimatum* atroz
da Gran-Bretanha nos vem.

Já esse *ultimatum* estava
em Lisboa, e perguntava
ainda o inglez *em que dia*
fôra o despacho expedido
de cá pra Manica: bem
podia haver-se perdido,
sem chegar a Moçambique.

Buscam Ressano Garcia
pra que tudo se explique.
Tinha desaparecido !

E só appareceu depois
do *ultimatum* recebido,
e o governo ter caído!

Barros Gomes e Ressano,
o espanhol e o luzitano,
eram *arcades* os dois!

Pra justificar, se alega
que esse Ressano não tinha
sangue portuguez, pois vinha
de andaluz e de galega.

E ele dizia: — *Sonhara*
ter mandado o telegrama;
mas, em verdade, o deixara,
sem dar por isso, na cama
da bela Carlotinha;
e não mais em tal pensara.

Isto é só o que ele diz.

A prova de estar perdido
já moralmente o Paiz,
é que este que ocasionou
termos a afronta sofrido,
de ninguem foi repellido;
politico, continuou
a ser az em seu partido.

O *ultimatum*, que devia,
mesmo por dignidade,
ser assunto reservado
da nossa chancelaria,
— desde que não poderia
deixar de ser acatado —,
por Barros Gomes é dado,
desde logo, aos quatro ventos
da grande publicidade,
pra provocar sentimentos
de insensata hostilidade
e odio contra a Inglaterra.

E tal intenção traidora
este proceder encerra,
que ainda hoje me apavora.

Agentes provocadores
promovem a excitação
do povo, que se arrebatá.
Todos ralham sem razão.
Nos *Cafés* os faladores,
e, em comícios, oradores
chamam á libra — a PIRÁTA.

— Não se vê que relação
tenha a *libra* co'o sertão
de Moçambique.

E' que azinha
querem finda a convenção

monetária que mantinha,
— feita por Costa Cabral
co'uma grande habilidade —,
firme sempre a estabilidade
da divisa cambial.

O que dá inda a certeza
de que era artificial
toda aquela indignação,
que o *ultimatum* produzia,
é ter tido sua expressão
de Arte só na *Portuguesa*,
que é musica da autoria
d'um alfaiate alemão,
letra de... tabalião.

Mesmo por o tal protesto
chamado *Revolução*
de trinta e um de Janeiro,
— e esta em Lisboa seria
feita á custa do dinheiro
que o Marquez da Foz daria,
e não deu, chegado o dia
marcado pra o *movimento* —,
fica mais que manifesto
que não era o sentimento
de indignação patriótica,
nem geral, nem verdadeiro,
que dominava a Nação,

que é apenas camara optica
pra espectaclos de ilusão.

Foz não deu o dinheiro logo,
pra fazer a imposição
de que haviam de pôr fogo
ao escritorio principal
da Companhia Real;
e que da mesma maneira
queimaria a Revolução,
tanto o Banco Luzitano,
como o do Povo, e, por egual,
a Agricola e Financeira:
cousa a que o *republicano*
comité se recusou.

Eis porque Lisboa então,
ao Porto não secundou.

E o *comité* não sabia
por que era que Foz o queria.

Pois mais tarde se veria.

Era o dinheiro afinal,
pra a causa republicana,
do Banco de Portugal.
Foz, director, de semana
ficara, pra lh'o entregar.

E tudo ficou á espera:
general da *divisão*,
pelo o dinheiro ajustado
pra dar a sua adhesão,
— *que não dá sem receber* —;
e, no Porto, a Revolução
pelo o despacho cifrado
co'a noticia de se haver
Lisboa pronunciado.

E a noticia sem chegar;
e a Revolta, pra ganhar
tempo, poz-se a discursar.

A *Guarda* então, convencida
que era beco sem sahida
poz termo a situação
co'alguns mortos e feridos,
dois officiais fugidos,
o Leitão e o Malheiro,
e um tenente pra a prisão.
Eis, ahi, a *Revolução*
de trinta e um de Janeiro
com seus chefes... doutrinarios
honrados e... visionarios.

Posto fim á convenção
co'a Inglaterra sobre a *libra*,
e a moeda-prata *quebrada*
pela nova amoedação,

que logo foi decretada,
toda a nossa economia
lusa se desequilibra,
e, portanto, a carestia
da vida rapida cresce.

Mesmo a moeda cunhada
com *quebra* desaparece
toda da circulação,
e pra qualquer transacção
só há *notas*, o papel
do Banco de Portugal,
co'um terço de garantia
de deposito em metal,
que só está feito em geral
em a prata amoedada,
e pelo valor nominal
d'essa moeda *quebrada*.

Campêa desenfreada
a especulação cambial.

E não ha nada que exceda
em desprestigio uma tal
situação financeira;
que uma Nação sem moeda
de oiro, ou prata, em bom metal,
é um navio sem bandeira
no mar internacional.

Cá dentro só, confusão!

Conforme diz o rifão:
— *na casa onde não ha pão,*
todos ralham, e afinal
não ha quem tenha razão
de ralhar em especial;
pois todos foram culpados
d'uma tal situação,
tanto os que Roma serviam,
como os outros que o mal viam
e se ficavam calados.

A tal horda financeira,
a que faço referencia,
procedera de maneira
que acabara por falencia,
mais ou menos criminal,
de *bancos e companhias.*
E d'estas a principal,
a Companhia Real,
inexgotavel thesoiro,
galinha dos ovos d'ouro,
tambem teve horas sombrias,
com seus titulos descendo
n'um descalabro tremendo.

Os do *trinta e um de Janeiro*
viram então a razão
por que o Marquez da Foz não

lhes tinha dado o dinheiro
pra a sua Revolução,
exigindo que primeiro
mandassem incendiar
o escritorio principal
da *Companhia Real*,
e *bancos*: — pra se livrar
de qualquer sanção penal.

A derrocada é tamanha,
que, com character feroz,
em Paris rompe campanha
de descredito pra nós.

— E' a França com certeza
muito menos interessada
na divida portugueza,
do que é então a Alemanha,
que se conserva calada,
e em observação espera.
E' tam só na Baviera,
onde o jesuita exerce
mais ao menos influencia,
que uma, ou outra referencia,
que nos deprime, aparece.

Estamos já na eminencia
da bancarrôta!

Os ministros

só sabem fazer sinistros
vaticínios!

E' então
que Dom Carlos, intervindo,
tenta salvar a Nação.

Escreve ao Kaiser pedindo
que o *comité* alemão
dos *portadores* da nossa
divida a proposta estude
d'um *convenio*, pra que possa
salvar-se a situação
sem prejudicar ninguém
a quem se deva; se não;...
— *cahirá a monarchia:*
ele, rei, vê muito bem,
— *e no caso não se ilude —,*
que isso quer a Companhia
de Jesus, pra ser espanhola
toda a Peninsula, e Angola
ir pra os belgas.

Demorou
pouco a resposta.

Em razão
d'essa carta, a convenção
co'os credores se ultimou.

O Rei salvara a Nação!

Mas Dom Carlos pondera,
e bem, que apenas havia
feito obra de ocasião ;
e, sensato considera
que fazer mais não podia ;
que a *aliança* co'o alemão,
— que era o que o Kaiser queria —,
não estava na tradição,
nem o inglez a consentia.

Julgou, portanto a partida,
pra nós, de todo perdida.
Depois... não era feliz.
Quantos planos concebera,
pra si de felicidade,
e de gloria pra o Paiz,
tudo isso a terra viera.
— Razão?... A *fatalidade*
historica isto fizera.

E abandonou-se de todo
ao scepticismo, de modo
que nem sequer reagiu
ao traiçoeiro golpe dado
na gloria do seu passado
liberal, e consentiu
seus ministros expulsarem
as ordens contemplativas,
e as outras, as educativas,
os jesuitas ficarem.

O prestigio do soberano
começa então a perder-se,
e o ideal republicano,
como um sol restaurador
da Liberdade, a erguer-se.

O poder moderador
já quasi que o não exerce
o rei; já não equilibra
a politica; e quem fôr
presidente de governo
será o árbitro superno
do Paiz; e já qualquer
politiqueiro se libra
á ambição de dispor
de deputados e ter
partido proprio!

Os partidos
historicos, o progressista
e o outro, o regenerador,
encontram-se enfraquecidos,
cada um por dissidencia,
a do Alpoim e a franquista,
de mais ou menos valor.

Teem ainda a assistencia
da força da tradição,
grande base da opinião;
mas pra se dar consistencia,

buscam o regio favor,
mostrando a sua coherencia
e alardeando seu amor
pelas Instituições.

Como as duas dissidencias
não dispõem de influencias
bastantes pra contrapor,
em ocasião de *eleições*,
às das antigas facções,
de que agora são rivais,
recorrem a afirmações
pela imprensa, doutrinarias.

Pela parte dos franquistas,
idéas reaccionarias,
formas dictatoriais,
afim de obter confiança
do Paço conservador.
Em contrario, os alpoinistas
são quasi que libertarios,
bem que fingidos, na esperança
de se chegar a impor
à *côrte* pelo terror.

E os dois chefes dissidentes,
o João Franco e o Alpoim,
prosseguem o mesmo fim,
mas por caminhos diferentes.

Parecem intransigentes
rivais; mas o director
do *Seculo*, co'oferecimentos
sedutores, a cada um,
das colunas do jornal,
pra n'elas ambos tratarem,
como questão de moral,
d'uns taes adeantamentos
feitos á Casa real,
leva-os até pactuarem
a opposição em comum.

E tam logo, que é um facto
a assinatura do pacto,
presseroso Silva Graça,
corre ao Paço, a informar

Dom Carlos do que se passa.
Este fica atordoadado;
não sabe que pense ou faça,
nem de quem se ha de fiar;
e, sentindo-se humilhado,
procura a Rainha-mãe,
pra com ela consultar.

Esta manda-lhe relate
pormenorizadamente,
ouve-o, e diz :

— Que disparate,
senão chantage indecente!
Pois receber-se, de alguém
que exercer a governança,
dinheiros adeantados,
e por conta de ordenados
fixos por lei, jamais tem
sido abuso de confiança.
E' um direito a usar.

Um rei constitucional,
sem direito a administrar
o dominio nacional,
não é mais que um funcionario,
a quem o Estado mantem,
pagando-lhe o seu salario,
— lista civil, vencimentos.
Direito a adeantamentos
todo o funcionario tem;
e leis ha pra os reembolsar.
Cumpra-se o que é legal;
ninguem terá que falar.

No tempo d'el-rei Dom Luiz,
ocupou-se o Parlamento
da nossa divida então.
— Fui na mór parte eu que a fiz. —
Votou-se a liquidação,
e fez-se o adeantamento
á Corôa pelo Estado.

*Ninguem se viu deshonrado,
nem se julgou infeliz.
Felizmente, em Portugal,
só da Lei o Rei depende.*

Fica el-Rei desapontado
com uma opinião tal.
E, como o que ele pretende,
no seu orgulho real,
é que não haja a campanha,
vae procurar n'outro lado
apoio incondicional.

A camarilha reuniu.
E o que foi essa sessão,
d'uma importancia tamanha,
que fortemente influiu
nos destinos da Nação,
permití que vol-o conte;
e a minha escrita acompanha
uns certos apontamentos,
tomados na ocasião
por alguém da camarilha,
sobre essa *magna questão*
dos taes adeantamentos.

Fala el-Rei, e logo a filha
do velho conde da Ponte,
que fôra vedor da Casa
Real, Isabel Saldanha,

dama de muito talento,
de alta cultura e de crítica;
mas seu coração se abraza
em zêlo pela politica
do neo-catholicismo;
e diz:

— *O meu sentimento
é que esta questão é tal,
que se abre como um abismo
ante a Familia real.
Quero crer que o adeantamento
não seja cousa ilegal,
como alguém diz; todavia,
como o alcunham de imoral,
a el-Rei desprestigia.
Sem prestigio a Monarchia
sofrerá golpe mortal.*

*Meu Senhor, a meu juizo,
o que primeiro é preciso
é quebrar-se a ligação
do Franco com o Alpoim;
e, pra ir tudo a bom fim,
dar logo áquele o poder,
e em seguida dessolver
o parlamento actual.*

— *E o Hinteze que vae dizer?*
— exclama el-Rei —;

*se inda ha pouco
se fizeram eleições,
pra o João Franco não ter
votos seus no Parlamento.
Ha-de pensar que estou louco.
Dir-lhe-hei as condições
em que estou n'este momento.*

*— Antes, nada lhe direis.
Hinteze é chefe de partido ;
tem que dar explicações
aos seus ; e o adiamento
não deve ser discutido.
Depois explicae-lh'o, se quereis ;
mas antes não façaes tal.
E, de mais, que ha a temer
d'um monarchista leal,
que se crê sangue de Reis
pelo senhor Dom João sexto ?!
— Diz a dama com ironia —
O que cumpre é andar presto.*

*Aqui el-Rei, que sorria :
— Efectivamente havia
uma senhora alemã,
a Hinteze, que residia
n'uma casa a Palhavã,
ou ao Campo Grande seria :
meu trisavô protegia-a.
Era viuva, co'uma filha,*

*que casou com um tal Ribeiro,
um negociante da ilha
de San Miguel. Conhecia-a
da viagem n'um veleiro
que os trouxera do Brazil.*

*Se houvesse a tal bastardia
régia, a mãe não lha daria ;
que ele até fôra negreiro.
Portanto, tal pretensão
é uma blague imbecil.*

Diz Tarouca: — *Talvez não,
que, olhando-o bem, o perfil
é o d'esse rei, no pataco.*

E todos: — *E' tal e qual!*
E riam com desdem cruel.

— *Não é, porem, d'esse fraco,
de ser de sangue real,
que o podemos arguir.
pois que nunca fala em tal.*

— Diz o Serpa Pimentel,
que lhe era amigo leal.

— *O seu fraco é o donjuanismo.*
Diz, sorrindo, a Figueiró.
*Querem ouvir? — Noutro dia,
com ele ficara eu só*

*na camara da Rainha ;
«— Oh! muito senhora minha,
se soubesse no que eu scismo...
se soubesse, tinha dó...»
poz-se a exclamar; e tinha
a mão no peito da farda,
pra suster o coração,
no gesto de Napoleão.*

*E foi por Deus então ir
ali a condessa da Guarda;
senão, desatava a rir.*

*— Ha quem tenha admiração
por ele, como orador.*

— Diz o Serpa. —

*— Só se fôr
— diz, com seu ar precioso
de alto literato, o Arnoso —,
caro Fernando, porque enfia
em récuas os adjectivos,
em geral de impropria côr,
a seguir aos substantivos
sem vislumbra-se uma idéa;
de maneira que nas laudas
dos seus discursos passeia
uma pomposa theoria
de pachás de muitas caudas.*

Toda a camarilha ria.

Séria a Ponte, e á puridade:

— *Meu Senhor, meu parecer
dei-o: Vossa Magestade
mandará o que é mister.*

— *Eu adopto a tua idéa:
chame-se o Franco ao poder.*

Diz el-Rei; e a assembleia:

— *Nem outra cousa ha a fazer.*

— *Cautela com o Alpoim!*

— Previne a Rainha, aflita.

— *Todo o meu plano o evita.*

— Diz a Ponte —.

E o Melo Breyner

comenta logo, em latim

co'uma ironia erudita:

— *Ita una sicut alia.*

— *E' uma alusão á Italia?*

— Pergunta baixo a Pepita. —

O monarcha aborrecido
de si, por haver descido
a fazer essa consulta
a uma camarilha estulta,

sentindo-se deprimido
em a sua dignidade,
de homem e grande senhor,
diz, com certo ar desabrido,
pra reaver a autoridade,
que receia ter perdido :

— *Faço o que entendo. E não
me seque mais co'a questão,
que é de somenos valor.
A nossa querida Isabel
tem talento e é-nos fiel.
Deixo tudo em sua mão.*
— Disse e foi-se.

Com alarde,
no dia seguinte á tarde,
abala pra o Vidigal,
a uma caçada real.

Que faz a Ponte?

Ao sobrinho,
Ayres de Ornelas, o par
do reino, que no Ultramar,
entre o Enes e o Mousinho,
o Freire de Andrade e o Couceiro,
já se fizera notar
como um valor verdadeiro,
manda-o ela filiar
na dissidencia franquista.

E fica aberto o caminho
pra o *forte* da opposição;
não pra o fazer ir pelo ar,
mas somente pra o filhar,
e cortar-se a ligação
co'a guerrilha alpoinista.

Tinha isto um duplo fim:
firmar a boa-vontade
do partido progressista
que havia crer d'esta sorte,
ao calor da autoridade,
poder dar golpe de morte
nas ambições do Alpoim.
E o outro, o da Reacção,
levar o Alpoim a lutar,
dos republicanos a par,
sem n'eles se encorporar;
visto como a Companhia
de Jesus não pretendia
salvar Rei e monarchia
de tradição regalista,
e, por certo, lhe convinha,
a seu tempo, a Revolução
co'a assistencia alpoinista,
junto a cujo chefe tinha
posto em acção dois mentores,
agentes provocadores,
o Centeno e o Adrião
de Seixas, karlmarxista.

E, — tudo é cá excepcional
ao influxo reaccionario
Seixas era o secretario
do Banco de Portugal! —

Com sua colaboração
o Alpoim guiaria,
sem saber o que fazia,
aqueles republicanos
córos de declamadores
co'os corifeus, os trez manos,
filhos da madre Republica,
— Afonso, Almeida e Camacho —,
que, a berros na praça publica,
julgavam deitar abaixo
a secular monarchia.

Alpoim era um fulgente
espírito, mas impulsivo
a ponto que facilmente
o conduziam cativo
da esperança de obtenção
do poder; porem, sem ter
outro qualquer objectivo
alem da satisfação
da vaidade de o exercer.

Pois, esse grande orador,
pensa a *Companhia* usal-o,
no *Xadrez* que está jogando,

como qualquer jogador
se utiliza do *cavalo*,
por ser a peça melhor
pra avançar, ou recuar,
por cima de outras saltando.

Entretanto, co'o franquista
governo, supôe conquista
pra o seu clero posição
pra quando a Revolução
vier finalmente, crendo
que da grande confusão,
em que entrar a luza grei,
ha-de surgir o tremendo
imperio do Christo-Rei.

Sabe isto a Ponte; mas crê
que tudo será afinal
salvo pela abdicação
em o Principe Real,
que era a ambição da Rainha,
que, desde o berço, lhe tinha
preparado o coração
pra que reinasse á feição
que á *Companhia* convinha.

Co'os alpoínistas ia
tambem o doutor João Pinto
dos Santos, seminarista,
que o fôra em Castelo-Branco.

E ia por ser idealista,
e ser rival do João Franco.
Ambos eles naturaes
do concelho do Fundão,
mas de diversa extracção
social, — da burguezia
um, o outro da fidalguia,
— bem que pequena —, seria
deveras extraordinario,
agora que eram eguaes
pelo diploma literario,
não se tornarem rivaes.

Como o Franco, é o João Pinto
homem de honra, tam distinto
que dos que com ele vão
ninguem pergunta se são
homens honestos, ou não.

Dá valor extraordinario
ter um tal correligionario;
porquanto cousa suspeita
em mãos d'outros é, na mão
d'ele, tida por perfeita
de moral e de razão.
O que mostra, com efeito,
esta verdade superna :
*que quem o mundo governa,
mais que tudo, é o preconceito.*

E' a bandeira a cobrir,
no mar, a mercadoria;
mas, quantas vezes, ao ir
perto á costa bordejando,
o navio larga almadia,
que rapida abica á terra,
conduzindo contrabando,
e contrabando de guerra!

Pois bem, sucedia assim
co'a galéra do Alpoim.

Quando o Rei volta a Lisboa,
põe dos conselhos da Corôa
fóra os regeneradores,
por uma carta incivil
escrita ao Hintze. Despede-o,
como a um creado imbecil,
por erros que cometera,
e por outros anteriores,
a que não dera remedio,
como convinha e devera.

E' uma injustiça cruel!
Mas Hintze fica fiel
ao seu Rei e á monarchia.

E n'aquele mesmo dia
João Franco assume o poder;
e vemol-o logo escolher,

pra o elenco ministerial,
uns homens sem cotação
no meio intellectual,
apenas com exceção
do doutor Martins Carvalho,
a quem os republicanos
chamavam Martins bandalho,
e do Ayres d'Ornelas.

Annos
antes, do ainda ignorado
Franco, — mas que já queria
ser eleito deputado —,
Cesario Verde dizia
ser choca a fazer de touro

Dizendo-o, o poeta previa
o que ele depois faria?
Foram boas profecias.

Tam logo que o gabinete
se organiza, irrompe um côro
de louvores ao Messias.
N'um club aristocratico
realiza-se um banquete,
em que ha vivas ao Papa;
e nas varias sacristias,
d'onde o exercito fanatico
das beatas inicia
as suas obras de sapa

pra assaltar a opinião,
viva congratulação!

Entanto, a Revolução
vae alastrando-se, azinha.

E no thrôno, enquanto o Rei,
por força, ou dentro da Lei,
quer conservar-se, a Rainha
intriga pra a abdicação!

João Franco, rude beirão,
era honesta creatura,
intemerata e leal
ao Rei; mas, pra governar
na conjuntura, não tinha
nem a precisa cultura,
nem o talento politico
bastante pra visionar,
em a subtil urdidura
de intrigas pra o enredar,
qual o pensamento eliptico,
com que o neo-catholicismo
agora em scena apparecia
tambem a politicar.

E, depois, o nervosismo,
— era o seu temperamento —
picado da nevralgia,
que horas o tormentava,

tirava-lhe a bonomia
e a precisa suavidade
pra o geral aquietamento,
que, em tanto dissidentismo,
era o que mais precisava
a nossa sociedade.

Ao contrario, a sua acção
de epiletica energia
aumentava a confusão;
e já átro vento sinistro
se erguia contra o Soberano
por manter um tal ministro.

Foram os da *abdicação*
os primeiros a assopral-o;
e logo o republicano
partido a aproveitall-o
pra a sua navegação.

O remoinhar das paixões
ia levando pra o abismo
todo o parlamentarismo,
base das Instituições
constitucionaes, da Lei.

Vae crescendo o temporal;
rolando o vento em espiral,
destroça a vida do Rei,
e a do Principe Real!

A morte d'este, porem,
é um caso eventual;
não a planeou ninguem.
E, se não se tem erguido
e matado o assassino]
do pae, não tinha morrido !

Enfim, cousas do destino !

E não salvou Portugal,
que já pra o tumulo vae !
Pois, com ele, a monarchia,
— não ha duvida —, seria
a do *Sagrado Coração*,
muito semelhante á tal
Republica que existia,
em tempos, no Paraguay :
e então a Revolução,
inevitavel, fatal,
redemptora se faria,
e, de vez, acabaria
com toda a influção
de character clerical.

E quaes foram os agentes,
mais ou menos conscientes,
indirectos causadores
d'aqueles dois regicidios ?

Primeiramente, os senhores-
monarchicos co'os dissidios,

que esses deram ocasião
aos que tinham ambição
de serem os dirigentes
do proceder do Soberano,
e que andavam descontentes,
a pensar na *abdicação*.

Esses e outros ; porem, não
o *faccio* republicano,
que, sendo uma minoria
mui pequena da Nação,
se havia temer da lei
penal, que o condenaria.

E ainda mais vos direi :
— da Nação a maioria
certamente não sabia,
— como não sabe hoje em dia —,
o que fosse, na verdade,
Republica ou Monarchia.
O que quer é Liberdade,
e essa realmente havia,
— com a compatibilidade
possivel com monarchia.
— Mas, Republica implantada,
foi-lhe sendo cerceada,
'té haver só tirania ! —

Não, não ; os republicanos
não assassinaram o Rei !

E se, acaso, os matadores
eram d'essa mesma grei,
obriram, por sugestão
de agentes provocadores,
pra apressar a *SUCCESSÃO*.

Se não, veja-se, em dois annos
e meio de monarchia,
que inda houve, bem se podia
descortinar o misterio
que aquele crime envolvia,
se o tivessem querido a sério,

Foram outros, sobre tudo
os *sem-pátria*, a que eu aludo
n'esta carta, a Companhia
de Jesus, que monarchia,
se ela não é quem a guia,
só a quer do *Christo-Rei*.

— Quer Republica, se fôr
só ela a ditar a Lei,
em supremo dictador!

E tanto que continúa
a mesma politica escura ;
visto que o *pronunciamento*
de maio contra o Parlamento,
e a sequente Dictadura
foram, por certo, obra sua.

Mas o doutor Salazar,
de intelligencia invulgar,
dentro em pouco tempo, viu
ser a consolidação
d'essa obra de reacção
dificilima, e saiu
do primeiro ministerio.

Se pra o governo voltou,
— já pra ninguem é misterio —,
foi porque o padre Matteo,
em nome da Companhia
de Jesus, lh'o ordenou.

Salazar obedeceu ;
mas disse que a sua acção,
toda improficua seria,
pra o que se queria, se não
fosse bispo o Cerejeira,
que n'uma tal posição
coadjuval-o poderia :
com o que Matteo concordou.

Como, porem, não havia
vaga nenhuma cadeira
prelaticia na ocasião,
Cerejeira nomeado
foi Arcebispo honorario
de Mitilene, e Vigario
Geral do Patriarchado.

X
— E é que será o futuro
Patriarcha, — eu lhe asseguro —,
porque é o panegerista
de Clenardo, o seiscentista
castelhano, que foi lente
em Evora, e que em lições,
e em escritos, e em sermões,
dizia constantemente
*Portugal sem condições
pra nação independente.*

Matteo, — eu muito bem sei- ,
é o padre que, sob a côr
de conferenciante que ensina
a esotérica doutrina
do poder do *Christo-Rei*,
vae ao seiõ d'uma nação
estudar a situação
politica, pra propôr
ao Geral, directamente,
fazer-se aquilo que fôr
proficuo e conveniente
pra a sua dominação.

Cá viu bem; pois realmente
esse doutor Salazar,
que tem talento, — apesar
de ser em Coimbra lente —,
e poder de sugestão,
tornou-se em breve o expoente

maximo da Reacção
em Portugal.

Mas, por não
ser esta só a mandar,
— tendo o mando a partilhar
co'o elemento militar —,
é que, na conspiração
republicana contra
a *Dictadura*, se encontra,
sempre actuando lá dentro,
combinação com o Centro
Catholico, pelos sectores,
de que fazem parte senhores,
militares e civis,
que vivem cá e em Paris.

De tal doblez não acuso
ao audaz *Corsario Luzo*,
Afonso Costa chamado;
se bem que d'ele suspeite
e por bom o não aceite;
pois tem conubio mofino
co'os do Banco Ultramarino,
e faz serviços constantes
â gente dos *Diamantes*,
que é gente da Reacção.
Porem, a sua traição
â Republica é sem prova.

Suspeito o joio medrado
no seio da Seara-Nova,
Antonio Sergio, almirante ;
— que o ha-de ser, lá pra diante,
na Armada reintegrado,

Antes, porem, de outra cousa,
— sem que a preferencia importe
deixarmos este sem sorte —,
failemos d'um figurão,
que é politico cotado,
diabo feito ermitão,
o Tamagnini Barbosa,
em cujo atroz consulado
se fez a *leva da morte*.

Oh tragedia e felonias !
Tamagnini, o sinistro,
pretendeu, quando ministro
da situação sidonista,
lograr a *Maçonaria*,
fazendo para ela entrar
gente sua ; mas, em vista
do plano haver-se frustrado,
mandou-lhe o *Gremio* assaltar ;
e fel-o logo encerrar !

Tendo sido assassinado
Sidonio por um sicario,
mandado vir de Garvão,

com passado reaccionario,
e que á policia servira,
aprisoando, á traição,
certo grupo libertario
do concelho de Odemira,
Comuna da Luz chamado,
mandou o gran-mestre prender.

Isto só pra fazer crêr
que o Grande Oriente havia
aquele crime ordenado,
quando muito bem sabia
que o matador desvairado
não era *maçon* sequer,
nem tinha categoria
social pra o poder ser:
— era um segundo sargento,
reservista, d'um regimento
da arma de Infanteria.

E, pra que se acreditasse,
prepara-se a *antecedencia*
do crime com apparencia
que ao gran-mestre indiciasse.

Este, que então regressara
do estrangeiro, se instalara
no Francfort do Rocio.

O outono correra frio;

e o gran-mestre adoecera
com *influenza*, de cama.

Ao fim da tarde d'um dia
de dezembro, apparecera
a visital-o uma dama,
que ele, ao certo, não sabia
se, sim ou não, conhecia.

A dama, que se sentara
com as costas pra a janela,
mantendo na sombra a cara,
fala, com facilidade
de gestos e loquela ;
porem co'a voz na cabeça,
prova de insinceridade,
— Julio Dantas a falar.

E, depois de se informar
da marcha da enfermidade,
diz: — *Ah! antes que me esqueça,*
vi hoje a Maria Arade ;
e pediu-me pra a lembrar
ao gran-mestre bem amado.

— *Costuma me visitar.*
Não deve por 'hi tardar.
E' boa republicana.

— Diz o gran-mestre. —

— *Eu é que não
me posso mais demorar.*
— Objecta a dama. —

E' então
que entra no quarto um sujeito
de capote á alemtejana,
sem fazer-se anunciar.
Camínha, — o braço direito
posto em esquadro sobre o peito,
que é maçónico sinal
pra ser tido como tal.

Ajoelha junto ao leito,
e ao gran-mestre beija a mão;
e diz com exaltação:
— *Venho a patria libertar!*
Peço pra me abençoar...
Pois Portugal ha-de ver
que sei matar e morrer!...

E o gran-mestre, de tal modo
ouvindo o homem falar,
julga estar ali um doudo;
e, pra que alguém apareça,
faz soar a campainha,
e acender-se a luz electrica
porque no quarto escurecera.

A dama desaparecera!

Então o homem se apressa
a ir-se d'ali.

Azinha,
a noite cahia, e tectrica
a sombra crepuscular...

Do hotel, ninguem vinha;
e o gran-mestre fez soar
novamente a campainha.

Vem, por fim, uma creada;
e esta, sendo perguntada
se por acaso não tinha
visto alguem, diz:

— *Sim, senhor,*

*à porta, no corredor,
dois homens e uma senhora.
Falavam; e esta se fôra,
antes d'elles, pra a escada
que dá pra a rua. E os dois
sahiram, logo depois.*

Que era scena combinada
não ha, pois, que duvidar.

Cumpre ainda recordar
que alguem, á noitinha, vira
o capitão Pimentel,
da policia, a conversar

co'uma mulher que sahira
da porta d'aquele hotel,
e que ele parecia esperar.

Horas passadas, morria
Sidonio Paes, vitimado
por aquele homem que havia
ao gran-mestre visitado.

E o mesmo que succedeu
com o assassinio do Rei,
por crime tal não correu
processo, conforme a lei.
E nada se esclareceu ;
nem a sentença se deu!!

A esses dois crimes se une
serie de outros, — sempre impune
pela politica acção,
tanto revolucionaria,
como a que é reacionaria! —

Revolução e Reacção!...
os dois rostos geminados
d'um só monstro, o qual oprime,
com processos scelerados
da politica do Crime,
a desgraçada Nação.

Todo o povo que perder

a necessaria noção
de Justiça, — e me parece
já Portugal a não ter —,
é, por certo, uma Nação
que, em breve, desaparece!

Sidonio foi imolado
ao mesmo traidor intento
com que fôra assassinado
o ultimo *Rei portuguez*,
que eu continuo a afirmar,
com profunda convicção,
os republicanos não
mandaram assassinar;
se bem que alguns, conscientes
da *partidaria* fraqueza,
pra dar-se ares de valentes
se gabem de tal proeza.
São gente que, muito embora
seja boa, — a ver se mete
medo aos mais —, se condecora
com crimes que não comete.

Se uma *Carbonaria* havia,
não era pra actuar,
mas somente pra esperar
ter quem n'ela se filia
do Estado colocação;
— e, o que a tenha, melhora
na sua situação;

— pois bem possivel seria
haver Republica, um dia.

Mas gremio de expectativa
não tinha acção positiva.
Não passava d'um *papão*,
pra que quem se filie não
seja mais p'la monarchia.
Havendo pouco misterio,
poucos temiam-na, a sério ;
— se eram a *Alta-Venda*, enfim,
dois santos e um galopim!

Alguns d'essa *Carbonaria*
continuam a mantel-a,
pra defesa solidaria
da conquistada gamela.
— E é pela sobrevivencia
da *Carbonaria*, — que esfria —,
que ainda o Antonio Maria
da Silva exerce influencia
na política do dia.

Rei e Sidonio não queriam
a hegemonia espanhola,
e jamais consentiriam
em dar aos belgas Angola.

O caso Sidonio encerra,
por sua complexidade,

muito mais dificuldade
que o do Rei, pra se entender;
porquanto se vae prender
co'a a nossa entrada na guerra.
— Não a queria a Inglaterra,
— que a esta o que conviria,
em *má eventualidade*,
era a nossa integridade,
que *reserva* lhe seria —;
mas queria-la a Companhia
de Jesus, pois bem sabia
que isso nos arruinaria
inda mais, materialmente;
e o *novo rico* viria
como imoral expoente
social.

Alguem, com pleno
conhecimento, dizia :
— *Loiola e Maçonaria*
caçam no mesmo terreno.

De Sidonio a posição
é na realidade critica :
é suspeito á Reacção
pela sua fé politica
na Republica, e a esta
por ter sido manifesta
a clerical protecção
dada pra a sua ascensão

ao *Poder*, que lhe foi dado
pelo acôrdo celebrado
em Nice, onde ele estivera,
e onde alguém, que ali viera
expressamente de Roma,
o *compromisso* lhe toma.

Mas á Reação parece
que lhe está sendo traidor.
E já, como dictador,
garantias não oferece
de que só ha-de fazer,
o que Loiola quizer,
que, depois de o celebrar,
não o pode malsinar;
e, portanto, só convem
fazel-o desaparecer.

Que mal é que d'hai vem,
se Tamagnini ficar
no governo a manobrar?...

Mais tarde, outros hão-de ter
de pela Patria morrer,
Granjo, Machado Santos,
Carlos da Maia... E a quantos,
enquanto a Patria não finda,
hão-de assassinar ainda!?

Machado morreu por querer

a concessão de Montijo,
feita a gente portugueza,
com comandita ingleza,
que emprestava os capitaes
precisos pra a construção
das *linhas, docas e caes*,
e inicio da *exploração* ;
e Granjo por motivo
de vingança, e por saber
quem eram cá os heroes
do politico manejo
pra pôr o estuario do Tejo
em comum com os espanhoes.

José Carlos da Maia, a esse
mataram-no por supôr
que, antigo governador
de Macau, ele teria
influencia pra se opôr,
por certo energicamente,
a *chinezissimo* interesse
que, de facto, importaria
deminuição de soberania
nossa n'aquela Oriente.

Quem sabe coisas da China
(Macau) saberá a razão,
talvez, da *arrematação*
do Maia pelo *cambão*
do Dente d'Oiro, — que assassina

por conta da Reacção,
que, alias, n'esta mofina
morte não tem mais quinhão
que o da grande confusão,
que do caso se origina.

Morto Sidonio, os realistas
tentaram golpe de mão;
mas, como isso ainda não
convinha aos vaticanistas,
Tamagnini ajudou,
então, os republicanos;
mas não sem hizitação.

Por seus embustes e enganos,
pra uns e outros, ficou
um homem pra a ocasião.

Com o intuito com que havia
n'esse tempo manobrado
ás ordens da Companhia
de Jesus, inda, hoje em dia,
é um maçon simulado,
que ao Gremio traz enganado.

Tem truques de fantasia
como este: — *que poderia
aos maçons fazer favores,
se entrasse pra a direcção
do Banco Lisboa e Açores.*

— Este é o só estabelecimento
bancario em que o elemento
catholaico é sem acção;
e, por isso, á Companhia
de Jesus agradaria
tel-o na administração.

Quando se prepara o *sete
de fevereiro*, ele promete
que será um dos primeiros
a ir pra a Revolução;
mas, chegada a ocasião,
impede que o *Batalhão
de Sapadores Mineiros*
lhe dê a sua adhesão.

Fez isto por já então
Jaime Morais, — que se havia
com Salazar entendido —,
no Porto achar-se vencido,
e pra o exilio ter fugido;
e, ao certo, não se sabia
quem Lisboa quieria
pra o novo governo entrasse,
dado que triunfasse:
— o Salazar não seria.

E foi somente o temor
de que, se cá triunfasse
a revolta, esse doutor

Oliveira Salazar
pra o governo não entrasse
que fez Centeno mandar
Mendes dos Reis se entregar.
— Este fôra, por desgraça,
governador do Nyassa;
e, em consequencia, fazia
tudo que Centeno queria.

Mas não faltou quem dissesse,
— e não custa acreditar ... —,
que fôra Antonio Maria
da Silva, — que fôra esse! —,
quem mandara aconselhar
Mendes a capitular...
pra o movimento falhar.

E, creatura manhosa,
o Tamagnini Barbosa,
deixou-se deportar,
— por pouco tempo somente —,
pra boa impres.ão deixar.

Com este fim egualmente,
em os *conselhos de guerra*,
ele é defensor de varios
homens revolucionarios:
e simpatias conquista,
porque o publico é simplista,
e cá não ha, em geral,

memoria sentimental ;
— esquecemos-nos do mal,
como do bem ; é igual !

Voltemos a Antonio Sergio
fina flor do florilegio
republicano. Oficial
da antiga Armada Real,
a Republica implantada,
pra a não servir, se exilou,
e quebrou a sua espada,
e uma carreira ilustrada
pelos seus abandonou !

Porem, doze annos volvidos,
a Portugal regressou ;
pois já se tinha casado
com dama de conhecidos
sentimentos religiosos ;
e, aqui, já organizado
um certo grupo encontrou
de ingenuos republicanos,
bons rapazes palavrosos,
demonios ambiciosos,
que ele logo chefiou.
E não passaram dois annos
sem ser ministro !

Pois bem ;
nós sabemos voluntario

seu exilio, e o mal que teem
feito ao revolucionario
movimento os seus enganós,
os taes dos republicanos.

Pois, quando o Ivens Ferraz
vae a Genebra impetrar
que seja prestado aval
de credito a Portugal,
Antonio Sergio que faz?

— Vae lá tambem intrigar
pra esse aval não se dar.

E é que assim serve ao doutor
Oliveira Salazar,
que emprestimo nenhum quer
que se faça, se não fôr
ele que o negociar
com quem melhor entender.

— Não pra se locupletar
ele proprio, mas pra ter
a Republica na mão,
e a situação dominar.

Os republicos, que estão
emigrados em Paris,
como os de cá, — e que são
velhacos uns, imbecis
outros —, dizem Sergio quiz

evitar a operação.

— Desacreditando o Paiz,
pensa o povo; e com razão.

Não foi, porem, pela acção
de Sergio que a operação
não se veiu a concluir;
mas tam só porque Sinel
de Cordes telegrafou,
por ordem de Dom Manuel,
a Ivens pra desistir;
— ordem que Ivens acatou.

Dom Manuel não fez isto
por amor de Jesus Christo,
mas pra Salazar poder
em o governo reentrar,
e o serviço lhe pagar.

E, se não, ha-de se ver
se a paga não ha-de ter.

Pois, o *controle* afinal
que a *Sociedade* pedia,
esta, alfim o attribuiria
ao Banco de Portugal.

Infelizmente assim é
tudo entre nós!

Pois, se até,
pra que a Revolta não traga
a grei livre-pensadeira
dos civis pra o meio da rua,
trata o Arcebispo de Braga
com o Domingos Pereira ;
e oferece-lhe Sua Excelencia,
por interferencia sua,
assegurar-lhe a sequencia
politica, pra, de novo,
se crear a espectativa
com que se aquiete este Povo.
E' o que, em linguagem toureira,
se diz — *dar-lhe a alternativa.*

A proposta de exclusão
civil da Revolução,
feita a um civil, parece
ser cousa inacreditavel ;
mas Domingos foi *menino*
do côro da Sé, e vê-se,
junto d'ele o Alexandrino,
capitão incapturavel,
co'o estoque de Condestavel...
pra a guerra da *sucessão.*

Isto não quere dizer
que esse Domingos Pereira
seja de tal parecer.
Não, de nenhuma maneira.

Mas pode muito bem ser...

E aos militares agrada
dos civis a abstenção
na precisa hora da luta;
— que não vá perder a *espada*,
em futura situação,
por eles, a posição,
mais que privilegiada,
que actualmente disfruta,
de ceva e recreação.

Já, a quando do *vinte e oito*
de maio, em preparação,
cada *partido* houve *coito*
danado co'a clerezia.

Esta a todos prometia,
— sem que uns dos outros soubessem;
dar a mão, quando vencessem.

Eis porque um *leader* disse
ao Presidente, que então
pedia aos parlamentares
mais decôro e discreção
nas sessões do Parlamento,
afim que se conseguisse
pôr moral impedimento
a que as *Juntas militares*
entrassem em sedição,

que sabia em eminencia :
— *Aguarde Vossa Excelencia*
o fim da revolução.

Tal a resposta discreta
d'esse *leader*, que é um estheta
e um politico de ouvir.

E' facil de coligir,
pelo que depois se passou,
que todos os outros liam
pla mesma cartilha ethica ;
como, porem, não fruiam
a liberdade poetica,
nenhum dos outros ousou
o conchavo descobrir.

Nenhum d'eles, certamente,
iludiu o Presidente,
que, em verdade, era impotente
pra, na ocasião, reagir.

Apesar de muito instado
pra dar o *golpe de Estado*,
e a *dictadura* assumir
sem compromissos, *NÃO QUIZ.*

Talvez salvasse o Paiz,
dês que usasse outra maneira
na *Politica estrangeira*,

e, pra ter n'ela influição,
apoiasse a nossa acção
na posição eminente
que occupamos realmente
no Atlantico Oceano,
europeu e africano.

Porem, pra fazer-se tal
politica internacional,
era preciso fazermos
a da *unidade nacional*.

E foi, pra não a havermos,
que Afonso Costa inventou
os taes *Altos Commissarios*
pra o governo colonial!

Estamos a ver os varios
males que isso originou;
males que nos aniquilam,
mas com que os belgas jubilam.

E Afonso Costa, que os serve,
Nosso Senhor lh'o conserve.

Decerto, cousas estranhas
se deram logo a seguir.

— De sobre elas reflectir
o nosso povo não cura —.
Por exemplo, o Mascarenhas,

ministro da guerra então,
que fôra, por duas vezes,
a Coimbra *combinar*
pra que a *insurreição*
não padecesse revezes,
— que ele lhe queria evitar —,
aparece nomeado
chefe de *Estado-maior*
da *primeira divisão*
militar da Dictadura!
Torres Garcia, o senhor
ministro da Agricultura,
vae pra Angola despachado
em *ministro da cultura*
das plantações tropicaes;
mas ganhando muito mais!
E Dantas vae pra Inglaterra
fazer as *contas da guerra*,
por ter feito boas contas
da *CEIA DOS CARDEAES.*

Nós somos cabeças tontas,
especie de velhos rupestres,
que em a politica acção
queremos ver *razão moral*,
quando o mundo se relaxa,
e, pra esses outros, *Razão*
é um dos trez *livros-mestres*
da escrita comercial,
Diario, Razão e... CAIXA.

E' gente que se não perde,
corre o *REPOSTEIRO VERDE*,
atrás do qual, *A SEVERA*
os seus freguezes espera:
vae pra a *SANTA INQUISIÇÃO*,
porque em casa d'ela o *véo*
SOROR MARIANA perdeu.

E com gaudio de Lisboa,
Julio Dantas, um romano
da decadencia, se corôa
de *ROSAS DE TODO O ANNO*.

Por essas e outras venceu,
sem combate, a sedição!

Mas parece que pra o Centro
Catholico a situação
ainda não vae á sua
inteira satisfação,
e, por isso, continua
a tentar *meter de dentro*,
— passe a frase galicana —,
a gente republicana
que encontra mais a seu geito.

Pois, agora, com efeito,
— nova mistificação
certamente —, lhe promete
a geral amnistia,

logo que haja um gabinete
de que ele só seja o guia.

Da Republica ha mentores
que dizem que assim seria.

Republicanos ha cegos
que vão com taes condutores,
não vendo que esses senhores,
que isso dizem, o que querem
é manterem seus empregos,
ou terem outros melhores.

Já el-Rei Dom Carlos dizia:
— *Portugal é monarchia
sem monarchicos.*

Pois bem,
se é Republica, hoje em dia,
republicanos não tem:
dos que havia, alguns morreram,
e em desterro aos mais pozeram.

Houve os que supozeram
a Republica ter feito,
quando, no *cinco de outubro*,
o pavilhão verde-rubro
triunfalmente se ergueu.

E' um engano perfeito;
que, se esses a proclamaram,
— paternidade ilusoria —,
outros foram que a geraram.

Façamos-lhe, pois, a historia;
porque a lição que ela encerra
é proveitosa, talvez.

No mez de julho d'esse anno
de novecentos e dez,
o grande republicano
Sebastião Magalhães Lima,
e José Relvas, de longada,
se fôram pra Inglaterra.

Que proposito os anima?

Vão saber da nossa aliada,
ao certo, o que ela fará,
se, dentro em pouco, fôr cá
a Republica implantada.

E vão muito a seu contento;
que, de lá, a Maçonaria
dissera que não seria
mal acolhida a *embaixada*
que fosse com tal intento.

Por isso vão tão contentes.
Levam discurso estudado.

Realmente, os recebeu
o sub-secretario de Estado
pra os negocios concernentes
a Espanha e a Portugal,
que uma audiencia lhes deu
no *Foreign-office*, — mas sem
caracter official.

Recebeu-os com agrado ;
mas não os deixou falar.

Disse-lhes :

— *Sei a que veem.*

Eu penso que cada qual
tem direito a governar,
a dentro do proprio lar,
seus negocios como entenda.
A vossa interna contenda,
em que nos pode interessar ! ?

Quanto á entente, ou aliança,
como vós outros dizeis,
cinco vezes secular,
tenho inteira confiança
em que ha-de continuar ;
é dos Povos, não dos Reis.

Levanta-se e cumprimenta.
Está a audiencia acabada.
E aos nossos isto contenta.

— Não reflectiram sequer
que interesse podia ter
a Gran-Bretanha em deixar
a Republica proclamar,
quando ella da Monarchia
tinha tudo quanto queria.—

Fazem o seu *relatorio*
pra Lisboa; e o Directorio,
desde logo, resolveu
fazer a Revolução,
quando fosse occasião.

E a occasião appareceu;
que, a trez de outubro, morreu
o Bombarda, assassinado
por um louco reaccionario,
pra o matar suggestionado
por gente da Reacção:
o que produziu emoção,
tam grande que ao Directorio
republicano pareceu
ser esse o momento azado
pra o golpe revolucionario;
e tentou-o.

Mas que illusorio
era o seu convencimento,
desde logo, percebeu,
e prudente se occultou.

Officiais militares
revoltados, que, de facto,
'té á Rotunda chegaram,
ali mudaram de fato,
e foram-se... a tomar ares.

Candido dos Reis, o almirante,
que era o alto comandante
militar do *movimento*,
tudo perdido julgou,
e, de dor, se suicidou.
— Se é que não o assassinou
quem ia em seu seguimento.

Pois, a revolta da Armada
tinha só valor moral,
porque o *Campo-Entrincheirado*
não estava revolucionado,
podendo fazer calar
a artelharía naval.

Porem, o Machado Santos,
que era um simples commissario
de Marinha, com uns tantos
revolucionarios, ficou

na Rotunda, e sustentou
combate de artilharia
contra as peças do Couceiro,
que ele desbaratou.

Machado era verdadeiro
temperamento guerreiro:
seus canhões continuamente
troavam. Lisboa tremia
de pavor. Mas não havia
na Rotunda, realmente,
na noite d'aquelle dia
quatro, cem homens ao todo:
e venceu!

Foi d'este modo:
na vespera dera-se estranha
scena, que é pra meditar,
o então ministro de Espanha,
Marquez de Vilalobar,
vae ao Paço e aconselha,
afectando um grande zêlo,
o Rei a se retirar
deante da Revolução
republicana.

E' então
que Hermenegildo Capelo
aos pés do Rei ajoelha,
exhortando-o, alto, a ficar;

e que faça convocar
os comandos militares,
e aqueles parlamentares
que se encontrem em Lisboa,
pra com todos deliberar
o que ha-de fazer a Corôa
pra que se salve a Nação.

Abraça-o el-Rei; mas reflecte
sobre a sua situação,
que lhe parece confusa.

A Rainha se recusa
a dar a sua opinião.

Instam-na. Instancias vãs;
que é Amelia de Orleans,
não Luiza de Gusmão,
a da frase conhecida :
— *Antes rainha, uma hora,
que duqueza toda a vida*

O silencio da Senhora
Dona Amelia, na ocasião,
era certo que servia,
mais que ao Rei, á Companhia
de Jesus; — trate-se embora
do filho manter-se, ou não,
no throno de Portugal.

Pois, se opinião não deu,
e se então falar não quiz,
foi por influença do seu
director espiritual,
jesuita de Paris.

A tremenda colisão,
entre opostos sentimentos,
— o seu amor maternal,
e o *dever confessional* —,
atordôa-a... E, por momentos,
em sua sub-consciencia,
a avareza da ascendencia
de Orleans fal-a scismar,
sem querer, sem ser por mal,
que a Republica faria
toda a Casa de Bragança
legalmente alodial;
e que ela inda poderia,
um dia, vil-a a herdar
pela morte eventual
do filho sem descendencia.

Pensa em tal por ignorar
que, *DESDE DONA MARIA
SEGUNDA, NÃO PERTENCIA
O MORGADO BRAGANÇÃO
AO REI, MAS SIM Á NAÇÃO;
VISTO COMO DOM JOÃO
QUARTO, EM CÔRTEZ, ESTATUIRA*

QUE, SE A CORÔA CAHISSE
EM FEMEA, E ESTA SE DESSE
A ESTRANGEIRO, REVERTESSE
A SUA CASA DUCAL
AO DOMINIO NACIONAL,
DE FACTO, SEM QUE O IMPEDISSE
NENHUM DECRETO REAL.

Agora me estou lembrando,
e com perfeita lembrança,
que José Luciano, quando,
joven, Director Geral
foi dos *Proprios Nacionaes*,
fez arrolar, como taes,
os da Casa de Bragança.

Em a sua vezania,
não se recordava a boa
e antipatica senhora
que nem mesmo o rendimento
do bragantino morgado
a seu filho pertencia,
desde do preciso momento
em que pelas Côrtes fôra
Dom Afonso declarado
presumptivo herdeiro da Corôa.

Entanto, com um desplante,
cinicamente estupendo,

filho e mãe foram comendo
as rendas que eram do Infante.

Não deixavam todavia,
a horas, em cada dia,
de, pra a Ajuda, lhe mandar
sempre o almoço e o jantar,
que Dom Afonso comia
sem mais nada reclamar.

Se isto refiro é pra vêr
o que o doutor Salazar,
ao sabel-o, vae fazer;
e ainda pra se explicar
as atitudes tomadas,
de especies tão variadas,
pelo ex-Rei de Portugal,
pra com o regime actual;
e das d'alguns republicanos
pra com o ex-monarcha.

São

os reciprocos enganos,
com que é preciso acabar
pra se salvar a Nação.

— No que aliaz eu não posso,
p'lo que vejo e p'lo que ouço,
— bem que o queira —, acreditar.

Mas, como bom cidadão,
continuarei a luctar.

Assassinos!... avançar;
que é propícia a ocasião,
e eu cá estou a esperar
a hora da execução.

Não obro em prodigo louco;
que em veias d'um velho pouco
sangue ha já pra vos fartar!

Desculpe-se a digressão;
e atemos da narração
o fio.

Nas *Necessidades*
continua a indecisão
de Dom Manuel, e a aflição
das diferentes *dignidades*
da côrte.

E Vilalobar
sempre a falar, a falar,
impertinente promete
pra breve a Restauração.

Calado, el-Rei reflecte...

Do gabinete, ninguem!
Nenhum dos ministros vem
ao Paço!...

E d'isto as razões
ficaram sempre ignoradas;
pois as comunicações
nunca estiveram cortadas.

Mas que houvera felonias,
da parte da presidencia
do governo, é uma cousa
suspeita até á evidencia,
clara como a luz do dia;
pois que Teixeira de Sousa,
presidente, é nomeado,
— só pouco tempo passado —,
pra a sinecura rendoza
do lugar de Administrador
da C. P.

E, — o que reflecte
um clarão de aleivosia —,
seu chefe de gabinete
e companheiro dilecto,
o cicio Melo Barreto,
que era *reporter*, de officio,
e mediocre traductor
sem talento algum literario,
recebeu em beneficio
ser ministro, e embaixador
junto ao monarcha espanhol,
de quem é serventuario!
E um tal Jaime, secretario

do presidente sinistro,
foi deputado, e ministro!

Tudo é claro como o sol.

A côrte, muito afligida
por ver o rei hezitar,
faz côro a Vilalobar,
instando pela partida.

E na memoravel data
nenhum outro diplomata
junto do Rei appareceu!

Nem, sequer, de si signal
o da Gran-Bretanha deu:
bem que el-Rei o convocasse,
abandonou-o de todo!

Porquê?

Porque a Companhia
de Jesus era quem queria
a Republica, de modo
que o *regalismo* acabasse,
como veiu a acabar;
e, por isso, ella a reinar!...

E o Rei, sempre a esperar
que o ministro inglez chegasse

pra que ele o aconselhasse,
continuava a hezitar...

Tiro de peça; e um estilhaço
de *granada* corta a adriça
do pavilhão que fluctua,
côr de sangue, sobre o Paço...

Morto, o pavilhão deslisa...
e, impellido pela brisa
do mar, cae no meio da rua,
onde está formada a *guarda*
que as ordens do Rei aguarda.

Ao Capelo o Rei, então,
manda-o á *torre* observar
os navios, pra calcular
se haverá, ou não, intenção
de o Paço bombardear.

Vae Capelo; e volta ao fim
de meia hora, perto ou certo,
e encontra o Paço deserto!...

Côrte e Rei tinham fugido,
de automovel, pelo jardim,
sem o terem prevenido,
nem lhe deixarem recado!

Percebe então o almirante
que el-Rei o tinha mandado
a ver navios, do mirante,
pra, sem o ouvir, pôr-se em fuga.

O velho almirante enxuga
as lagrimas...

Sae. Na rua,
em *parada* continua
inda um batalhão da Guarda,
que as ordens de el-Rei aguarda!...

*

Mas que pode suceder
pra que assim a Monarchia,
oito vezes secular,
se podesse, n'um só dia
de combate, aniquilar?

Nunca é de mais recordar:

Semithalze, o *Encarregado
de Negocios* da Alemanha,
por si, ou porque lhe tenha
de Berlim sido ordenado,
a fim de o Imperio alemão
poder tirar beneficio
tambem da Revolução,

tenta marcar posição;
e propõe um armistício,
que os dois campos aceitaram.

Porem, aqueles senhores,
que prudentes se ocultaram,
logo esse pacto frustraram;
das treguas se aproveitaram;
e co'os diferentes sectores
civis, e com multidão
dos que eram só espectadores,
lá foram ao Municipio
de Lisboa, e proclamaram
a Republica!

Ao principio,
ha geral satisfação.
'Té os bispos jubilaram,
como no inglez parlamento
Salisbury declarou,
quando alguém o interpelou
sobre esse acontecimento.
— *Té os bispos!* — Repetia;
— *'Té os bispos...* E, sorria
com amargura e ironia;
por que muito bem sabia
como a Gran-Bretanha havia
cometido a felonía
de frustrar sua *aliança*
com a Casa de Bragança:

e que o *Protestantismo*,
— confissão que ele seguia —,
prestigio não ganharia;
pois, com o republicano
advento, não deixaria
de acabar o *regalismo*
entre nós; e o Vaticano
com isso jubilaria.
Que fazer?... se a Companhia
de Jesus assim o queria;
e a Inglaterra dependia
d'ela no Imperio indiano!

E foi o que succedeu.

Pra o *faccio* republicano
começou o jubileu;
e logo pra o Vaticano
co'a *Lei da Separação*,
que, de facto é um insulto
feito á *livre consciencia*,
pois veiu pôr, na obediencia
ao Papa, uma multidão
de homens, — ha trinta mil
serventuarios do *culto* —,
que estavam na dependencia
sempre do poder civil;
e, se injusta tirania
d'algum bispo os oprimia,
tinham recurso pra o Rei.

Hoje, depois da tal lei,
tornou-se um verdadeiro
exercito de occupação
do Papa, em paiz estrangeiro,
a *CLERICAL LEGIÃO!*

E o jubileu, em geral,
depois, pela tal fartura
de lucros, lucros de usura,
quando a guerra mundial,
transmudou-se na loucura
d'uma infrene bacanal,
em que veiu a *Dictadura*,
sob um luar de misterio,
feita a Patria um cemiterio,
dançar o *randò* final.

E o Paiz, adormentado
pelos fumos d'essa orgia,
sonha ver, no esverdeado
da manhã do novo dia,
ao ar erguer-se o espectro
macabro da Monarchia,
e que a negra Companhia
de Jesus entrega o scetro,
— só *pró-forma* —, ao seu aluno,
o Infante Duarte Nuno ;
que, dos dois ramos reaes,
este é o só pretendente,
que, um dia, possivelmente

reinará em Portugal;
pois Dom Manuel é quem é,
e não ha Orleans leaes.

E, pra mais ajuda, até
politicamente em Roma,
a sério, ninguem o toma;
duvidam da sua Fé.
Pois, lá sabe-se porque
não veiu a ser assinado
o celebérrimo pacto,
que foi de Dower chamado,
e nunca existiu, de facto.

Conserva Roma a lembrança,
de que quando se avistaram
Dom Miguel de Bragança
e o primo Coburgo-Gotha,
que foi rei de Portugal,
já então a negociação
dos dois, pra a restauração
monarchica, estava rôta.
Foi, por isso, que de tal
cousa nem sequer falaram.

E isto assim acontecera
pelo motivo e razão
de que Kitchner, — que era
de *confissão protestante* —,
a Dom Manuel prometera

restaurar-o, após a guerra,
co' o auxilio da Inglaterra:
— isto sob a condição
de voltar-se ao *statu quo ante*
a Lei da Separação;
quer dizer, se volveria
á régia supremacia:
o que Dom Manuel exigia
fosse da combinação.
E Dom Miguel: — que não;
que essa Lei se manteria
apenas modificada.
— Era a forma decretada,
depois, por Sidonio Paes.

Foi assim, e nada mais.

E Dom Manuel é por isto
no Vaticano mal visto.

E o Paiz, ao acordar
ante a visão funeral,
vê então que lhe hão roubado
domínios seus no Ultramar,
e vae ser confederado
no Imperio Peninsular.

E, porque dormiu de mais,
tarde é já pra se salvar;

e a Republica falida
pela inepecia sabida
dos seus inclitos moiraes,
que são os bem conhecidos
dirigentes dos partidos,
ditos constitucionaes.

*

Tinha havido salvação
pra a Nação portugueza,
se se dá a regressão
a uma aliança ingleza.
Porem, não como ela fôra
depois da Restauração
do reino com os Braganças;
mas como taes alianças
se podem fazer agora,
e que são, como sabeis,
de Povos e não de Reis.

A Republica não o soube,
ou não o quiz comprehender;
mesmo apesar de Eyre Crowe,
mais d'uma vez, lh'o dizer.

E pra mais infelicidade,
— sempre a fatalidade! —
a nossa sorte maligna
a Eyre Crowe faz morrer!

Logo, conseqüentemente,
Teixeira Gomes resigna
o cargo de Presidente
da Republica.

Indiferente,
se vá ou fique. No *posto*
não era mais que o *proposto*
d'aquelle inglez eminente.

Pois, indo-se embora, — penso —,
deu uma prova de bom senso.
Se Crowe já não existia,
quem ao pobre assistiria?!

Esse seu gesto imitae,
meu senhor, — grande é quem sae
do governo; e não quem cae.

Muito fica por dizer;
mas já me custa escrever,
porque a vista me declina...

Nem remedio algum se ensina
a quem está pra morrer.
E á desditosa Nação,
que já está na agonia,
a nefanda Companhia

de Jesus, — que a assassina
pra vingar-se da *Extinção*
sofrida por influência
da energia Pombalina —,
ministre-lhe a *EXTREMA-UNÇÃO*.

Castelo de Arade,
14 de Junho de 1929.

COELHO DE CARVALHO

CARTA DIRIGIDA

A

EL=REI D. CARLOS I

NO DIA DA SUA

INFAUSTA ACLAMAÇÃO

(Edição integral do autografo enviado)

SENHOR,

N'este solene e critico momento,
em que ídes celebrar o vosso regio advento
ao trono portuguez, conselhos salutarees
não falta quem vos dê.

Apontam uns os mares,
citando a tradição dos grandes reis de Aviz;
outros, lembrando a terra e o velho Dom Diniz,
só na lavoura vêm futuro a Portugal;
em suma, há quem vos queira agricola real;
se não, navegador e mercador da Líbia.
Há quem vos queira até de natureza amfibia,
como a só solução pra o difficil problema
de reinar n'um paiz em confusão suprema.

Nós vemos, multa vez, ao declinar da tarde,
no extremo do horizonte um globo de oiro que arde
em purpuras reaes de fúlgido esplendor,
enchendo meio ceo de extraordinaria côr;
porem, a rubra luz d'aquelle incendio enorme
é fria, e já no vale a passurada dorme,
desde que presentiu que o dia se extinguirá;
pois, no avançar eterno em que o Universo gira,
acima já do sol erguera-se o horizonte,

e vermos nós o sol dos alcantis do monte
é miragem somente, é pura ilusão de optica.

Assim, toda a nação é mera camara-optica,

Familia, Economia, Arte, Exercito e Armada,
Letras, Religião, é tudo em trapalhada,
por, ha seculos, vir a vida nacional
fóra da evoluçãõ que lhe era natural.

A Familia, sem ter uma finalidade
politico-moral, como na sociedade
antiga tinha, vem, desde a Revoluçãõ,
não sendo mais que o nome, um orgão sem funçãõ
social, que se dissolve em imoralidade.
Onde se observa bem o caso é na cidade.
Exemplo: — d'um qualquer que mal ganha pra as sopas,
vê-se a mulher andar de roçagantes roupas.
Ele fala de papo entre os da sua roda ;
e os dois não faltam nunca ás *recitas da moda*.
Vendo-os, outros que taes falam do que é sabido
geralmente; e, em geral, invejam o marido.

Se na vida burgueza a historia é trivial,
na dos nobres não ha mais beleza moral ;
que as meninas d'uma alta, ou rica situaçãõ
deliram pelo o Fado e falam em *calão*.
Em convento francez ou inglez educadas,
praticam portuguez co'os primos e as criadas ;
Em cada primo, — venha embora do Magriço —,
em vez d'um cavaleiro, ha um cavalariço.
D'ahi, contradicção entre as gentis maneiras
d'essas damas e seus gostos de vivandeiros.

Conheceis-las, Senhor, da praia de Cascaes ?
Pois bem ; não valem mais os seus irmãos e paes.

Formar-vos-ha a Côrte essa aristocracia
de beatos e *snoobs* e *Filhas de Maria* ;
por que não ha quem seja, ou diga ser, das velhas
familias que não tenha o confessor no Quelhas,
fazendo-se benzer pra não lhe *dar quebranto* ;
ou tem-no em San Luíz, se não, no Corpo-Santo,
segundo as suas mães, as canonizas seclas,
foram do Bom-Sucesso, ou foram das Salesias.

Vivem pra divertir-se essas fidalgas gente\$;
e os que ricos não são recorrem a expedientes
de toda a casta. Creem que basta a qualidade
de nobres pra lhes dar carta de impunidade.
Pensam ficar-lhes mal a vida de trabalho.
Faz-lhes doer as mãos a serra, o escopro ou o malho.
E quanto á, agricultura, explica-se o abandono ;
que a terra não sustenta espontaneamente o dono.
E o que possui pequena ou média propriedade
já não lhe interessa o campo ; atrae-o a cidade,
onde vem engrossar o enxurro miserando !...

Fabricas ?... lucram só as *marcas* falseando ;
que o *Fisco* e o *Comercio*, os promotores da Fome,
arrazam quem produz e roubam quem consome :
— dois dragões a puxar um carro funerario !

Letras ?... pra dar á luz completo o *Dicionario*
da *lingua*, anda, ha noventa annos, a Academia !

Sociedade a valer essa de *Geografia* !
Não lhe entibia a alma o pestilente *virus* ;
guarda da Patria heroica os imortals *papyrus*.
Os socios d'ela são, uns... agulas, outros... anjos ;
escada de Jacob, por onde alguns marmanjos
sobem, e vão... alem, administrar colonia.
E' gremio universal, barata *Babylonia* ;

por cinco tostões só, um homem se habilita
a disfrutar a gloria e o mais... em comandita.

Arte?... Embora jamais lhe dessem seus cultores
caracter nacional, hoje é só de amadores.
Considera-se genio o que é habilidade,
e rasgo de talento é excentricidade.

Domínios de Alem-Mar?... Terras tam quasi incertas,
como eram, meu Senhor, antes de descobertas.
Entanto, d'esses bens fruem o benefício
outras nações, e até o belga, um adventicio!

Ainda uma coisa ha, e é coisa de admirar,
o amor do portuguez á farda militar!
Mas é unicamente o amor ao estipendio
que no peito lhe acende o marcial incendio,
na grande aspiração de ser *oficial*.
E cresce-lhe a ambição logo que se vê tal:
— aos camaradas já intriga, na disputa
das boas comissões; e, se alguém o recruta
pra a politica, faz-se humilde serventuario
d'um *chefe de partido* afim de haver do erario,
em gratificações, uns centos de mil reis.

Psicologia igual teem esses *bachareis*,
que das escolas saem em busca de alimento,
do Terreiro do Paço aos *bancos* de San Bento.
E' co'os que são em Leis que funciona o Foro,
onde ha oculto altar pra o tal *Bezerro de Ouro*.

Com este pessoal, assim tórpe e gafado,
se administra, ou se finge administrar o Estado,
em *quadro* colossal, que aumenta dia a dia,
a fátua, a mirabolante a ôca burocracia!
Melicios e civis, da mesma procedencia

moral, enchem-no; e, então, triunfa a impudência;
mercê da qual, hi estão, no lamaçal humano,
alguns agiotas vis a negociar em guano.
E a vida nacional lá vae de escantilhão
co'a récua financeira atrelada ao cambão:
— Marquez da Foz, de arreeiro; as mulas israelitas.
Na *muda* está o Burnay com gado dos jesuitas.

Foz, em grande senhor, que ignora o que é dinheiro,
dará co'os Mozers n'agua, e o carro no atuleiro.
E com outro gado então prosseguirá a derrota,
co'o Burnay no *pescante*, e Eduardo Jonh de *sota*.

Tanto no meio burguez como no aristocratico,
reacção alguma haverá; é todo um mundo apático!
Porem, se aflora a honra, a casta flor sensível,
logo a calunia põe todos ao mesmo nivel!
E' que a inveja é um mal de pérfido contagio:
nos corações fazendo, aquil, o seu estagio,
torna a fermentação palustre mais intensa!

Quereis indignação? — Achal-a-heis na Imprensa:
sente-se referver a colera que estua
nos tipos dos jornaes!

São cães ladrando á lua;
e do feroz cerbéro a raiva se aniquila
logo que lambe o mel do bolo da Siblla...

Dizel-me, pols, Senhor, se, no volver da Historia,
não presentis o sol da resplendente gloria
da Patria ir a afundar-se em tormentoso mar?

E' o livido clarão da luz crepuscular
da noite que se fez em Alcacer Kibir
que com miragens vãs nos anda a iludir.
A propria Realeza é uma lembrança em espectro,

a sombra que Hamlet vê de manto, corôa e sceptro:
e, a si mesma, Interroga atônita a consciencia:
— Será, ou não será real tal existencia ?!

Real só o Povo, a grel trabalhadora e rude,
em cuja alma revive a ancestral virtude ;
que açoitado da fome, e sempre a moirer,
do que é a Patria faz conceito singular :
crê que a terra natal lhe constitue a essencia
do ser ; d'ahi, o amor á sua Independencia.

Por isto, e porque nunca a Igreja Nacional,
livre do jesuita, alterou-lhe a moral
christã, esta Nação salvava-se por ele.
Mas — ai de nós! — pra longe a emigração o impele,
porque o trabalho falta a uns, como, á ambição
de outros, o capital preciso pra a acção.

Bem que rico o Paiz como uma tulha cheia,
ha muito já que o explora a actividade alheia ;
que a Finança, Senhor, como a actual Igreja
Catholica, é estrangeira aonde vá, ou esteja ;
que d'uma a patria é Roma ; e, da outra, o mealheiro ;
uma obedece ao Papa, a outra Rei-Dinheiro.
E assim vão barra fóra as almas e a riqueza.

— Que importa lá, — direis —, se fica a Aliança ingleza ! ?

— Sustenta ela, ante o mundo, este infeliz Estado,
como a corda sustenta o corpo do enforcado !

E, pra que se não dê a justa reacção,
quer-se ao Poder Real maior concentraçào !

São os vencidos da vida, os lépidos peraltas,
que preconizam taes cavalarias altas !

E' um conselho mau ; é d'homens indifferentes
ao bem do Povo ; — allaz pessoas excellentes.
Por exemplo, o *Queiroz*, o príncipe da critica,
só o pitoresco quer tirar da acção politica.
E, esta, se fôr d'el-Rei, elegantissima a augura
Ramalho, o tambor-mor da lusa literatura.
— Como principiou por mestre de meninos,
pensa e escreve por pauta ; o olho nos figurinos.
Junheiro é trovador de mais pra ter um amo ;
se é *vencido da vida*, é só como reclamo ;
que, amando a gloria propria, — e d'ela é empresario —,
em a outra gente explora o *snobismo* literario,
pra que o seu nome soe por montes e por vales.
Soveral representa o príncipe de Gales,
dizem. Um *bluff* pra dar aspecto diplomatico
de patrocínio inglez ao nucleo aristocratico.
— E Pindela, o *mingnon* ? Ficalho e Sabugosa ?
— São arte estilo *chic*, literatura gomosa.
Mesmo o Carlos Valbom, se intuito tem sinistro,
este consiste em querer o aceitem por ministro,
— Mayer ? — Paradoxal inventor de anedoctas.
Os mais comparsas são, ingenuos ou idiotas.

No lado ingenuo, palra a aguia do Marão,
Candido, o cardeal-presbítero da Ilusão.

Somente o *nosso* sabio, o historiador Martins,
suspeito deve ser de Inconfessaveis fins :
foi da *Internacional*, prégou o *socialismo*
e, ambicioso, olhou pra o *neo-catholicismo*.
Barros Gomes levou-o pra lá, sem mór trabalho.
Pra a Monarchia foi pela mão do Ficalho.
E ahí anda a desvairar a luza mocidade
co'um místico ideal, o da imperialidade
dos príncipes de Aviz e a Fé do Condestavel ;
passados ideaes de uma época admiravel,

que deu a Portugal a gloria mas supérna ;
mas que não teem função n'uma Nação moderna.

— De tanto se falar nas henriquinas velas,
já a literatura surge esteril das *caravelas* ;
e, cumprindo fixar nosso destino incerto,
a juventude glosa a lenda do *Encoberto* !

Mas viver do passado é viver na saudade
que as energias quebra ; e a nacionalidade,
enervada afinal pela obsessão quimerica,
inerte irá cahir na Unidade Iberica,
que a Peninsula a quer a gente de Loyola
uma potencia só, catholica espanhola.
E é pra realizar tam monstruosa obra,
— já em Espanha se diz —, que esse Martins manobra.

Desgraçados de nós se, um dia, o atendeis !

Entanto, meu Senhor, sois joven, careceis
de um filosofo bom, de um excelente guia
que possa aconselhar el-Rei em cada dia,
desde a idade feliz aos tempos mais distantes.
Tomae pra conselheiro o livro de Cervantes,
e chegareis a velho e de venturas ancho,
seguindo o proceder do pachorrento Sancho.
Demais, é tradição da Casa de Bragança
o bom-senso burguez do bom monarcha Pansa.

Mas não ; que nuvem já nos ares aparece
e a luz da vossa estrela obumbra-se e falece !
— E a nuvem não trará a chuva redentora
ao resequido chão da Patria, caia embora,
e o regio throno afunde !... e a Monarchia acabe,
qual d'um teatro velho a scena que desabe
ás manobras no palco e ao pezo dos actores,
entre nuvens de pó dos velhos bastidores.

Política! ? O Paiz em facções dividido,
cada um culda de si e, ás vezes, do *partido*
a que pertence.

Assim, pretensos democratas,
que querem enricar, ou serem burocratas,
em nome da *Igualdade* e em nome da *Justiça*,
acendendo as paixões da *Inveja* e da *Cubiça*,
ah! andam a prégar as mesmas theorias
burguesas, só sem rei, ás multidões, sombrias
da negridão da fome, em *folhas* e em comícios.

Pra o operario, porem, nulos os beneficios !
Pois a Revolução, não sendo social,
longe de ser um bem, agravará o mal.

Republica Burgueza ! ? A' Egreja parece
que ela virá servir melhor o seu interesse,
porque, reinando vós, difficil será
que o *regalismo* venha a revogar-se cá.
— Este evita o pessoal inumero, empregado
no culto, constitua um Estado no Estado.
E em neo-catholicismo é, pra tal, basillar
que o Papa com os Reis não tem que *concordar*
quanto á administração da cousa ecclesiastica.

Crer a Egreja por vós é uma illusão fantastica !
Sangue de Pedro quarto e de Victor Manuel,
tem-vos o Vaticano em Principe revel.
E não esquece, não, que a *dogmatidade*,
em *materia de Fé*, da *Infallibilidade*
do *Papa* em Portugal não foi reconhecida
pelo *régio placet* ; nem tampouco se olvida
que, quanto a *disciplina*, ainda ha na nossa Lei,
se um bispo oprime um padre, o recurso pra o Rei.

Isto ao *poder civil* mantem a proeminencia,

e a todos liberdade inteira de consciencia.
E' o que a Igreja tem por *situação nefanda*.
Mas, vendo ir os *maçons* em estulta propaganda,
aproveita-a; — pra o que basta attitude assumida
na these: — *Igreja livre em o Estado livre*.

tal situação dará do liberalismo a ruina;
pois nas almas influe quem as educa e ensina;
e a *Companhia* mestra eximia se proclama.

E' que uma

E é que, a ensinar, tem vinda ella apertando a trama
da rede, que ao Paiz ha-de envolver a vida!

— E ha dez annos já, por influença sabida,
na Direcção Geral da Instrução se mina
a idéa allicerçal da obra pombalina,
afim de se volver, — pelo que se decreta
a tempo —, ao cultural do seculo dezasete,
no qual, quanto mais vasta era a erudição,
mór desvaio mental, por concatenação
filosofal faltar-lhe.

Em tal diversidade,
carece pra firmar-se a alma de autoridade
de fóra de si-mesma. E, assim, a consciencia
não vem do raciocínio, á luz da intelligencia:
pra se aferir acções ha só o *Dogma* e o *Estado!*

Ora, sistema tal era o preconizado
pelo jesuita.

Expulso este, pela razão
de em *aldeamentos* ter os indios do sertão,
— e isso a exploração prejudicava lá
da *Companhia Real Maranhão-Gran-Pará* —,
logo a Congregação dos padres do Oratorio,
vendo que da expulsão resultava illusório
bem, se se persistisse em a pedagogia

que puzera a Nação nas mãos da Companhia de Jesus, rival sua, aconselha Pombal a reformar o Ensino ; e lêva-lo afinal a impôr *novo Estatuto* á Universidade : — d'ahí, se originou pra o reino a Liberdade.

E, esse grande Pombal, por tal reformação de *Estudos*, precursôr foi da Revolução.

Porem, tudo isso deu contradição na pratica porque continuou, — na formula dogmatica, *Deus e o Estado acima* —, a Autoridade externa.

Então, pra se explicar que um povo se governa por leis que lhe devolve a propria consciencia, em razão da comum e útil conveniencia da grei, — se apraz a Deus, que é quem manda *ex-officio* —, houve de recorrer-se a ficções, desde o incio, e disseram: *Deus dá ao povo a soberania pra este a deputar.*

Falsa democracia!

porque o sufragio engendra os partidos parlantes, que mandatarios são e operam em mandantes do povo, e, fóra d'ele, impõem ao povo as leis que fazem a seu bel-prazer, tal como os Reis. Por esta forma, a nova *élite* intelectual fez do antigo regime o constitucional.

Co'o *por graça de Deus* e o essencial egoísmo do caracter burguez volve-se ao despotismo.

E o mesmo se ha-de dar quando o republicano regime se implantar, mais anno, menos anno ; que sendo Deus o *dono*, as seitas se disputam ; Maçonaria e Igreja é por *FORMAS* que lutam,

Igual pra vós leve uma á outra de vencida;
pois como a *Fôrça armada* esteja dividida,
em parte jacobina e em parte clerical,
apolo algum havereis.

Nem Internacional;
porque, se triumphar, — e é certo o seu advento —,
a Republica, e houver restaurador intento,
este, d'outra nação, nenhum auxillo alcança,
se a Inglaterra disser que, se ainda ha *aliança*,
esta é com a *Nação*, e não com o *dinasta*.

Idêa

tenho de que o contrario, a quando a *Patulêa*
ela esmagou, dissera.

E' que hoje quer que a Igreja
Catholica o dominio em India lhe proteja.
— Se fanaticas são aquelas christandades,
a *Propaganda Fide* abafe as veleidades
da indú libertação, sob um espesso manto
de almas industanis.

E' logico, portanto,
se á Igreja convem cahirdes vós do throno,
que a Inglaterra, Senhor, vos deixe ao abandono.
O seu interesse prima agora uma *aliança*,
que sempre, aliaz, terá como quizer...

Confiança,

— e á Inercia mental a Inepcia acompanha —,
tem-se que a Inglaterra evitará que Espanha
imponha a Portugal a sua hegemonia.

Engano!... A' Inglaterra ha-de convir, um dia,
ter em frente á Italia, e, ao sul da França, mais
uma grande nação, a que se alie; e jamais
sem o *alfoz do Tejo* o pode ser a Espanha.

Razões por que o cartel da Iberia a Gran-Bretanha
auspicará.

Não dá a nossa aliança por finda,
não só pra ter na mão a Espanha, mas ainda
pra que do que é portuguez e no Ultramar houver,
ninguem, — excepto ella —, impune se apodere.
— Já é à *contre coeur* que o Estado Independente
do Congo e o Transwal em Africa consente.

Mas ha quem espere em vós, por vos glirar nas veias
o sangue de Saboia, exemplar de estreias
de alto patriotismo e abnegação preclara,
de Umberto, *o da mão branca*, ao heroe de Novara,
e a Amadeu que entrega aos espanhois a Espanha.

Entre nós praticae, Senhor, igual façanha :
ao povo que trabalha entregae a Nação,
— só a esse ! —, e salvareis co'ele a Revolução.

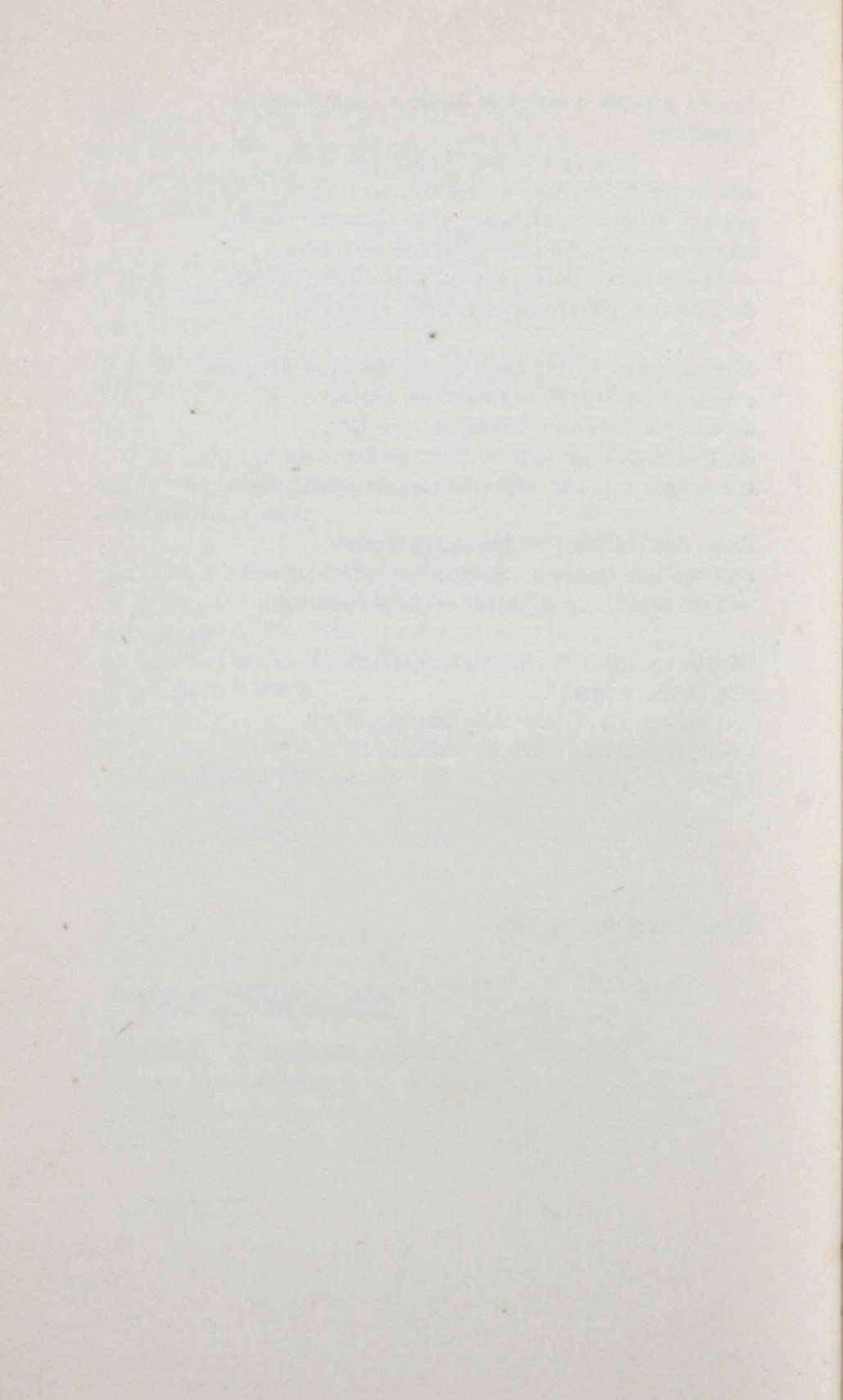
Se não secumbíreis ; e a vossa dinastia
muy pouco reinará !...

No transito da via
dolorosa, ecoarão vozes de ladainha :
Gloria a Santo Inacio !... Amem... SALVE RAINHA !...

.....

Lisboa,
26 de Dezembro de 1889

COELHO DE CARVALHO



ERRATAS

O leitor culto por si corrigirá os erros que apareçam por letra cahida ou trocada por outra ou que esteja fóra do seu respectivo lugar, por exemplo: *presseroso*, quando devia estar *pressuroso*. E letra a mais como em *Hinteze* quando é *Hintze*, etc.

Ha, porem, troca de palavras que cumpre rectificar porque altera o sentido da frase e a intenção do auctor, como succede no verso

Por seus embustes e enganos

quando o que se escreveu foi

Por semelhantes enganos.

Ha ainda a pagina 17:

de jesuitica invenção.

Tem os seu fundamentos

quando devia ser

de jesuitica invenção;

e tem os seus fndamentos.

A pagina 42 em vez do verso

e tendo sempre na idéa

deve lêr-se:

estando sempre na idéa

a pagina 122 em vez de lêr-se :

tornou-se um verdadeiro

deve lêr-se

tornou-se n'um verdadeiro.

Quando da falta d'uma palavra não resulte alteração do sentido da frase mas somente quebra do ritmo do verso, não vale a pena fazer a correcção, mesmo porque serão poucos os versos em que tal succede.

A pagina 127 onde se lê

ministre-lhe a Extrema Unção

deve-se lêr

ministra-lhe a Extrema Unção

a pagina 136 onde se lê:

uma obedece ao Papa, a outra Rei-Dinheiro

deve-se lêr:

uma obedece ao Papa a outra ao Rei-Dinheiro.

Ha a dizer que por lapso deixou de ser estampada na pagina 124 depois do verso

no Vaticano mal visto

a seguinte estrofe :

*E n'essa negociação
d'um acordo pra a campanha
da Real Restauração,
foram os representantes
dos dois Altos contratantes
Dom Alexandre Saldanha
da Gama, por Dom Miguel,
e, pelo ex-rei Dom Manuel,
Dom João, marquez d'Abrantes.*

A pagina 12, onde se lê

na Italia, em França, ora Espanha.

leia-se :

na Italia, em França, em Espanha.

3/4

EDIÇÃO DO AUTOR
